



Universidade de Brasília | Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Professor Orientador: Sérgio Araújo de Sá

CENTROAVANTE

Uma resenha sobre o futebol de base no DF

João Bosco Lacerda da Silva

Rogério Medeiros Verçoza

BRASÍLIA-DF

DEZEMBRO DE 2013



Universidade de Brasília | Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Professor Orientador: Sérgio Araújo de Sá

CENTROAVANTE

Uma resenha sobre o futebol de base no DF

João Bosco Lacerda da Silva

Rogério Medeiros Verçoza

Memorial do produto apresentado ao Curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

BRASÍLIA-DF

DEZEMBRO DE 2013



Universidade de Brasília | Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Professor Orientador: Sérgio Araújo de Sá

Membros da banca examinadora:

1. Professor Doutor Sérgio Araújo de Sá
(orientador)

2. Professor Doutor Fernando Oliveira
Paulino (membro)

3. Professor Mestre Mauro Giuntini Viana
(membro)

4. Professor Mestre Sérgio Ribeiro Aguiar
dos Santos (suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, antes de tudo, ao apoio de nossos pais. Sem eles, nenhuma de nossas conquistas seriam possíveis.

Agradecemos aos nossos irmãos, cunhadas e sobrinhos pelo apoio fiel e constante.

Agradecemos a Thaís Corrêa Cabral, sem a qual um dos repórteres teria desistido de concluir este trabalho.

Agradecemos ao nosso orientador pela confiança em nossa capacidade e pelos valiosos conselhos.

Agradecemos aos amigos da UnBTV por todo o aprendizado e pelo empréstimo de equipamentos necessários para a realização deste trabalho.

Agradecemos ao casal Jaciara Rozanski e Victor Mayer, cuja habilidade artística tornou esse produto muito mais interessante.

Agradecemos a Thiago Alves, muito paciente com a burrice tecnológica da dupla.

Agradecemos ao Verdão e ao Colorado, símbolos da paixão que inspirou a realização deste trabalho.

Em memória de Juvêncio Gomes da Silva, exemplo de pai e de homem.

“Eis a verdade: – No Brasil, o futebol é que faz o papel da ficção.”

Nelson Rodrigues

RESUMO

Este trabalho é o memorial da produção de *CENTROAVANTE: Uma resenha sobre o futebol de base no DF*, documentário televisivo que tem a pretensão de apresentar um panorama geral da formação de atletas profissionais de futebol no Distrito Federal. Foi dividido em sete capítulos que explicam a metodologia utilizada para criar o documentário, as teorias que embasaram todo o processo de escolhas técnicas necessárias para a sua realização e a localização social daqueles que sonham se tornarem jogadores de futebol. Busca ser uma reflexão sociológica e técnica a respeito da veiculação do tema futebol e seus personagens em documentários televisivos. Para tanto, discute desde aspectos relacionados à formação de jogadores no Brasil até as etapas de criação de um documentário, sempre com o objetivo maior de passar as experiências e dificuldades vividas pelos repórteres durante a criação do produto e os motivos que os levaram a tomar as decisões que deram forma a *CENTROAVANTE*. Concluimos que o futebol do Distrito Federal, apesar das diversas falhas estruturais que apresenta, possui as condições mínimas para se formar um atleta profissional, e que o maior defeito na formação de jogadores na região é a falta de preparação em outras atividades profissionais para aqueles que não alcançam o sonho de se tornarem jogadores.

Palavras-chave: futebol, documentário, televisão, telejornalismo, Distrito Federal.

ABSTRACT

This work is the memorial of production of *CENTROAVANTE: Uma resenha sobre o futebol de base no DF*, a television documentary that purport to present an overview of the formation of professional soccer players in Distrito Federal. It was divided into seven chapters, which explain the methodology used to create the documentary, the theories that supported the whole process of technical choices needed to conduct it and the social location of those who dream of becoming football players. It seeks to be a technical and sociological reflection about the placement of football theme and its characters in television documentaries. With that intention, it discuss since aspects related to training professional players in Brazil until the steps of creating a documentary, always with the ultimate goal of passing the experiences and difficulties encountered by the reporters during the product creation, and the reasons that led them to take decisions that shaped *CENTROAVANTE*. We have concluded that football in the Distrito Federal, despite it several structural failures, has the minimum conditions to form a professional athlete, and that the biggest flaw in the training of players in the region is the lack of preparation in other professional activities for those who do not achieve the dream of becoming players.

Key-words: soccer, documentary, television, telejournalism, Distrito Federal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 METODOLOGIA	12
2 FUTEBOL E CINEMA	15
3 FUTEBOL E DOCUMENTÁRIO.....	17
3.1 Documentário e videoreportagem.....	20
4 FUTEBOL NO DF.....	22
5 PERSONAGENS.....	27
6 CATEGORIAS DE BASE E CALENDÁRIO.....	33
7 FUTEBOL, NOTÍCIA E TELEVISÃO	36
7.1 Pré-Produção	39
7.2 Produção.....	41
7.3 Pós-Produção	43
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
FILMOGRAFIA	50
ANEXOS.....	51

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de entender o processo de formação de jogadores de futebol no Distrito Federal, escolhemos realizar um documentário cujos¹ protagonistas são figuras centrais nas categorias de base da cidade. A escolha do formato ocorreu, em grande parte, pela oportunidade que o documentário oferece de aprofundamento ao tema, seguindo a “premissa básica da reportagem no telejornalismo: contar uma história com começo, meio e fim” (CARMO-ROLDÃO, BAZI, OLIVEIRA, 2007 p. 116).

O produto foi filmado em formato digital *high definition* (HD), com duração de aproximadamente vinte e sete (27) minutos e tem como pretensão ser veiculado em canais de televisão no Brasil. Este tamanho se justifica pela existência de dois intervalos cujos tempos somados facilitam o encaixe na programação de emissoras televisivas.

O recorte da realidade foi feito através da escolha de três equipes² cujos personagens formam o universo deste produto. Os times escolhidos são o Brasília Futebol Clube, o Clube da Saúde e a Sociedade Esportiva do Gama.

Como principal fonte de informação para este trabalho, escolhemos o método da entrevista com três personagens centrais, atletas das equipes escolhidas. As histórias desses jogadores servem como fio condutor da narrativa. Para completar as informações dadas por tais personagens e melhor situar o espectador no universo das categorias de base do futebol brasileiro, decidimos incluir no roteiro familiares dos atletas, técnicos, dirigentes de suas respectivas equipes e profissionais que fazem parte do dia a dia dos jogadores, como um árbitro, um fisioterapeuta e um representante da Federação Brasileira de Futebol.

O título *CENTROAVANTE* e o destaque ao posicionamento de três jogadores na vinheta de abertura se justificam pelo fato dos personagens principais atuarem do meio de campo para frente, e dá também uma ideia de desenvolvimento do futebol de base na região central do Brasil. O termo “resenha”, utilizado no subtítulo, é comum entre os jogadores, e significa um bate-papo, geralmente feito nas concentrações ou depois dos jogos. Pretendemos, ao utilizá-lo, dar um viés de conversa ao nosso documentário, uma mesa redonda sobre o futebol local. Trata-se também de um termo comum em produções acadêmicas, um resumo crítico sobre uma obra.

1 Leia mais no capítulo “Futebol e documentário”.

2 Para mais informações sobre o processo de escolha das equipes, leia o capítulo “Metodologia”.

Fazer o produto em forma de documentário foi também uma decisão baseada na experiência da dupla. Em 2012, tivemos oportunidade semelhante no documentário *Brasília Olímpica*, produzido para a disciplina Campus 1 (online) da Faculdade de Comunicação, que abordou preparação e expectativas de atletas e paratletas para os jogos de Londres. Ambos atuam no telejornalismo e possuem maior interesse profissional na cobertura das práticas esportivas, sejam elas de alto rendimento ou não.

Contar com dois repórteres foi primordial para a execução do produto. A razão fundamental foi a possibilidade de um realizar as entrevistas, enquanto o outro fazia as filmagens. No entanto, o andamento da produção mostrou que a amplitude perceptiva de um trabalho realizado por mais de uma mente é de grande vantagem. Não foram raros os momentos em que o repórter cinematográfico adicionou questões vitais à reportagem, enquanto o entrevistador apontava aspectos visuais importantes para a transmissão de sentido do produto. A divisão de tarefas como apuração, contato com fontes, gravação, edição e construção da narrativa também é facilitada pela presença de dois membros. Ainda que essas tarefas pudessem ser realizadas por terceiros, acreditamos que o envolvimento da dupla com o processo contribuiu sobremaneira para criar um produto de maior qualidade em relação ao que seria feito por alguém sem conhecimento e/ou interesse sobre o assunto, sem contar a óbvia economia financeira.

Além da formação acadêmica, buscamos criar portfólio a ser apresentado em futuras entrevistas de emprego. No livro *Jornalismo Esportivo*, Paulo Vinícius Coelho escreve:

Todas as semanas, gente que conseguiu nível salarial razoável no mercado recebe e-mail de jovens profissionais que se apresentam. Há os que querem sua oportunidade. Os que sonham com um lugar em qualquer área do jornalismo e os que ainda nem entraram na faculdade, mas almejam praticar sua paixão: escrever sobre esporte. Vários deles entrarão no mercado e deixarão sua marca. Outros não conseguirão escrever uma linha sobre esporte. Questão de oportunidade. É duro ter oportunidade em um mercado que solta milhares de jornalistas formados todos os anos. (COELHO, 2013, p. 26)

Em um mercado com um nível tão alto de competitividade, acreditamos que este produto possa representar uma importante porta de entrada.

A principal motivação da dupla na escolha do tema para este documentário é o interesse em entender como funciona a formação de jogadores de futebol no Distrito Federal.

O assunto praticamente não é retratado nos meios de comunicação locais e poucos moradores da região possuem algum conhecimento sobre as equipes formadoras e as competições que disputam. Um dos motivos é o amadorismo deste esporte na cidade, que conta com uma estrutura menor para a formação de jogadores em relação aos grandes centros de formação.

O campeonato brasileiro profissional de futebol de 2013 teve média de público inferior a 2 mil pessoas, o que dificulta a obtenção de recursos pelas equipes por meio, por exemplo, de cotas de televisão, patrocínio e bilheteria.

Sousa, no artigo “Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento”, ressalta que tal realidade não é exclusiva das equipes brasileiras, mas de todas as equipes longe dos eixos tradicionais do futebol Brasileiro (Rio-São Paulo, Sul, Minas, Bahia e Pernambuco), tradicionalmente presentes no Campeonato Brasileiro de Série A:

O critério também explica a predominância de notícias sobre os chamados times grandes na mídia, o que comprovamos em nossa pesquisa: em um corpus com 21 reportagens³, das quais 15 são relacionadas retamente aos clubes que disputam o Brasileiro, apenas três delas dizem respeito aos times considerados pequenos ou intermediários. Constatamos que estes precisam gerar fatos curiosos para terem acesso ao espaço midiático. (SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva, 2010, p. 5)

As relações jurídicas e econômicas entre clubes e jogadores são objeto de estudo. A chamada Lei Pelé⁴, promulgada em 1998, regulamenta a detenção dos direitos dos atletas, mas as leis trabalhistas não permitem a assinatura de contrato profissional até os 16 anos. Isso facilita a retirada dos melhores talentos sem nenhum ressarcimento aos clubes formadores e levam equipes de destaque no futebol local, como o Brasiense, recentemente rebaixado para a Série D do Brasileirão, a desistirem das categorias de base.

3 O artigo de Sousa analisa um corpo de 21 reportagens para testar suas hipóteses.

4 Ver http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm.

2. METODOLOGIA

A inspiração para o formato documentário veio de programas de canais esportivos da televisão fechada no Brasil, em especial o *Histórias do Esporte*, dos canais ESPN, o *Sportv Repórter*, do canal Sportv e o programa *Profissão Repórter* (TV Globo) exibido no dia 06/09/2011, intitulado “Tudo pelo Futebol”. O primeiro é o que mais se aproxima da proposta por nós apresentada neste produto já que procura aprofundar um tema relacionado aos mais diversos esportes a partir de sonoras e narrações em *off*, sem que seja necessária a aparição de um repórter no vídeo. O *Sportv Repórter* também analisa temas esportivos, mas conta com as presenças de um apresentador no estúdio e de um repórter que conduz o assunto no ambiente em que ele se desenvolve.

A edição do *Profissão Repórter* acima citada abordou as histórias de três jogadores profissionais que sonham chegar a grandes clubes do futebol brasileiro, proposta que se assemelha a nossa. No entanto, há constante presença de diferentes repórteres no vídeo, além de discussões sobre como construir a reportagem.

O Programa *Destino Futebol*, dos canais ESPN, foi também fonte de inspiração, por ter um tamanho igual ao que pretendemos para esse produto (30 minutos com os intervalos comerciais) e uma estrutura muito semelhante (condução da narrativa sem a aparição do repórter, que participa nos offs que dão ritmo à reportagem e auxiliam na qualidade informativa do produto).

Para a realização das filmagens, utilizamos uma câmera Sony, modelo EX3, um tripé Manfrotto e um kit de microfones lapela sem fio, também da Sony. A câmera possibilita a gravação em *full HD* (no formato 1080 60i), o que proporciona maior qualidade na captação das imagens.

Durante as filmagens de treinos e jogos, usamos planos gerais, detalhe e sequência. O primeiro permitiu contextualizar o ambiente em que o esporte estava sendo praticado, enquanto o segundo possibilitou observar com maior destaque as expressões dos jogadores, bem como a movimentação de suas pernas e pés no contato com a bola. O plano sequência também colaborou na contextualização dos ambientes que percorremos, mas por se tratar de uma imagem em movimento, enfatizou, entre outros, o estado dos gramados e as instalações dos clubes visitados. Para as sonoras, escolhemos enquadrar os entrevistados “do peito para

cima” – primeiro plano – e “da cintura para cima” – plano médio, enquadramentos estes bastante explorados no telejornalismo, visto que oferecem maior atenção àquilo que dizem os entrevistados.

Para estes registros, o tripé foi de grande serventia devido à agilidade dos movimentos no futebol, sobretudo nos momentos em que buscamos os planos detalhe, os quais exigiam maior firmeza para evitarmos que as imagens saíssem tremidas. Nas sonoras, o tripé também foi importante para garantir a estética dos enquadramentos uma vez que dificilmente poderíamos refazer alguma sonora eventualmente prejudicada por conter imagens tremidas as quais desviassem o foco da informação que estava sendo transmitida.

O uso do microfone lapela se justifica pela opção que fizemos de não colocar um repórter no vídeo, escolha presente em documentários televisivos, como o *Histórias do Esporte* da ESPN Brasil. Além disso, este tipo de microfone, por estar mais próximo da voz do entrevistado, diminui a interferência de outros ruídos durante a captação, o que é fundamental para a informação de conteúdo jornalístico.

Os equipamentos utilizados pertencem à UnBTV (Canal 6 – NET/Brasília), onde trabalharam ambos os repórteres e que gentilmente os cedeu para uso.

O primeiro desafio foi encontrar protagonistas do futebol de base local. Apenas o Clube da Saúde apresenta telefone para contato que pode ser encontrado no seu site.⁵ Conseguimos contato com os clubes Brasília e Gama através de colegas jornalistas como José Cruz e Lucas Bolzan, especializados em esporte no Distrito Federal, e de pré-apuração realizada em setembro de 2013 sobre o funcionamento das categorias de base em Brasília. Nesse período, descobrimos que existem 72 clubes amadores com registro na Federação Brasiliense de Futebol – disputam as competições de base, mas não os campeonatos profissionais, como o Campeonato Brasiliense de Futebol das categorias júnior e profissional e a Copa São Paulo de Futebol Júnior – e 23 clubes profissionais no DF⁶, que utilizam atletas profissionais e jogam campeonatos como o brasiliense e os nacionais. A categoria júnior, apesar de ainda ser considerada uma etapa de formação, só pode ser disputada por equipes com registro profissional.

A partir dessas informações, escolhemos a Sociedade Esportiva do Gama, clube profissional de mais tradição no DF, além do Brasília Futebol Clube, equipe que realiza um

5 www.clubedasaude.org.br.

6 Doze inscritas no Campeonato Brasiliense da 1ª divisão e outras 11 na 2ª divisão.

projeto de longo prazo nas categorias de base e é a atual campeã brasileira da categoria júnior. A ideia inicial era acompanhar também o trabalho no Cruzeiro Futebol Clube⁷, clube da região administrativa homônima que tem centro de treinamento próprio e tradição nas categorias de base do Distrito Federal. No entanto, o clube decidiu por não manter os trabalhos na base no segundo semestre de 2013 e, dada a grande quantidade e a relevância dos clubes amadores revelada durante o processo de apuração, resolvemos acompanhar o trabalho do Clube da Saúde, o mais estruturado entre os clubes não profissionais, que, em parceria com a equipe do Capital, foi vice-campeão do Campeonato Brasileiro de Futebol da categoria juniores. Selecionamos as equipes mais estruturadas nas categorias de base e que mais cedem atletas para os times profissionais do Brasil.

As gravações se iniciaram no dia 20 de julho de 2013, data da semifinal do Campeonato Brasileiro de Futebol Junior, e se encerraram no fim de outubro, quando ainda estava em disputa o Campeonato Brasileiro das categorias infantil e juvenil (13 a 17 anos). No total, foram realizadas 15 saídas de campo, quando filmamos 20 horas de material. Foram entrevistadas 15 pessoas na tentativa de transmitir um amplo espectro do futebol brasileiro, das quais 13 aparecem no produto final.

Tentamos ao máximo evitar imagens de empresas que não fossem os clubes durante as filmagens, mas muitas vezes era uma condição das fontes filmarmos as marcas que patrocinam os clubes para que falassem, caso da sonora de um dirigente do Gama, na qual se pode ver a logomarca do laboratório Sabin, e do Clube da Saúde, cujos uniformes tem a marca da empresa Servlimp.

Esse tipo de abordagem é semelhante ao das emissoras que transmitem eventos esportivos. São utilizadas técnicas como fechamento do quadro de filmagem e substituição da posição da câmera para evitar que apareçam marcas de patrocinadores. Em algumas situações, no entanto, esta publicidade involuntária é inevitável. Deixamos claro que, neste produto, todas as aparições de patrocinadores se enquadram nesse tipo de situação.

7 Cruzeiro Futebol Clube do DF, não o homônimo de Minas Gerais.

3. FUTEBOL E CINEMA

Futebol e cinema são paixões universais. Podemos ter uma ideia da importância mundial do esporte a partir da constatação de que a Federação Internacional de Futebol (FIFA) possui número maior de países membros que a Organização das Nações Unidas (ONU). Além disso, durante a realização das Copas do Mundo, a audiência televisiva atinge os maiores índices mundiais⁸.

O cinema não fica para trás. “Os heróis e heroínas, os vilões e vilãs, estrelas cinematográficas e seus comportamentos inundam o nosso imaginário” (MELO, 2009, p. 81). Hábitos, costumes, valores, formas de ser e de se portar, acontecimentos históricos, sonhos e utopias propagados em filmes fazem parte do cotidiano de pessoas ao redor de todo o mundo.

Ambos os fenômenos, consolidados ao longo do século XX, representam, segundo Victor Andrade de Melo, valores e desejos como “a superação de limites, o extremo de determinadas situações, a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais e busca de uma emoção controlada” (MELO, 2009, p. 82).

Curioso, entretanto, perceber que, mesmo nos países onde o futebol tem grande popularidade, como o Brasil e a Itália, a produção de películas sobre ou que envolvem este esporte não é numerosa. Melo apresenta dois motivos que podem explicar esta situação: dificuldades técnicas e potencial dramático.

Em comparação com esportes individuais como boxe e natação, por exemplo, é difícil recriar artificialmente uma partida de futebol. Durante o jogo, é comum a ocorrência de lances imprevisíveis, contrastando com o roteiro cinematográfico que tende a controlar aquilo que acontece no set de filmagem. Como solução para este problema, cineastas utilizaram diversas alternativas: colocaram em cena jogadores profissionais misturados a atores, selecionaram imagens de jogos reais para se unirem às filmagens, privilegiaram planos detalhes dos jogadores ou planos gerais do gramado, ensaiaram jogadas e fizeram com que a trama se desenvolvesse principalmente fora das quatro linhas.

A respeito do potencial dramático do futebol no cinema, é importante salientar que se

8 Segundo o portal da FIFA (www.fifa.com), a Copa da África do Sul em 2010 foi assistida por quase um terço da população mundial, o que corresponde a 2,2 bilhões de pessoas. A KantarSport, entidade responsável pela pesquisa, levou em consideração telespectadores sintonizados na cobertura por pelo menos 20 minutos ininterruptos.

trata de um esporte coletivo em que 22 jogadores interagem juntamente com o trio de arbitragem, ainda que um dos times em confronto possua um craque em campo. “Com isso e pelo que envolve fora do campo, possui uma força dramática menos explícita do que, por exemplo, o boxe” (MELO, 2009, p. 85). Filmes que abordam esportes individuais conseguem mais facilmente explorar conflitos entre herói e bandido, típicos do cinema. Além disso, cenas com violência, elemento importante em muitas películas, são mais evidentes em filmes de boxe.

O último fator a se levar em conta para explicar a pequena presença do futebol no cinema está relacionado à maior indústria cinematográfica do mundo, a dos Estados Unidos. Uma vez que este esporte não goza de grande popularidade na sociedade norte-americana, por consequência, não chegou a despertar grande interesse de cineastas hollywoodianos.

Apesar de todo esforço, filmes cuja temática envolvem o futebol, em geral, não alcançam expressivas bilheterias. Para os torcedores, acostumados ao dinamismo de uma partida acompanhada em um estádio ou mesmo no campo de seu próprio bairro, os resultados verificados nas telas de cinema ainda não conseguem captar a essência do esporte. Por esta razão, filmes documentais sobre o futebol obtiveram maior sucesso.

4. FUTEBOL E DOCUMENTÁRIO

Segundo Francisco Elinaldo Teixeira, o termo documentário começou a ser utilizado no final dos anos 1920 e início dos anos 1930 para designar um ramo específico do cinema. A partir da segunda metade do século XIX, tal palavra estava associada a um conjunto de documentos que serviam como prova a respeito de uma época. Continua o autor:

Possui, desse modo, uma forte conotação representacional, ou seja, o sentido de um documento histórico que se quer veraz, comprobatório daquilo que “de fato” ocorreu num tempo e espaço dados. Aplicada ao cinema por razões pragmáticas de mobilização de verbas, ela desde então disputou com a palavra ficção essa prerrogativa de representação da realidade e, conseqüentemente, de revelação da verdade. (TEIXEIRA, 2006, p. 253)

Em oposição ao cinema de ficção, caracterizado muitas vezes pelo trabalho em estúdio, onde o acaso e as dificuldades de realização de uma filmagem cinematográfica são controlados, cineastas como Robert Flaherty, Dziga Vertov e Alberto Cavalcanti resolveram posicionar suas câmeras de maneira que pudessem captar a realidade.

(...) o documentário ficaria associado a todo um ideário de simplicidade, despojamento, austeridade, tanto do ponto de vista da economia técnica, formal, quanto da autenticidade temática, elementos que supostamente sustentariam uma captação mais verídica, direta, da realidade, da vida como ela era e não como era imaginada. (TEIXEIRA, 2006, p. 256)

Além de recusar a ficção, o que terminou por garantir certa identidade ao cinema de realidade ou documentário, tal vertente cinematográfica se subdividiu em dois polos temáticos: o etnográfico e o investigativo ou de reportagem. Com diferentes maneiras de abordar o real, seus objetivos eram “ora fazer ver objetivamente meios, situações e personagens reais, ora mostrar subjetivamente as maneiras de ver dos próprios personagens, a maneira pela qual eles viam a situação, seu meio, seus problemas” (Deleuze, 1990, p. 176).

Segundo Bill Nichols no artigo “A Voz do Documentário” (*Film Quarterly*, 1983, p. 259-273), a produção de filmes documentais ao longo da história passou por quatro diferentes estilos ou formas. A primeira, chamada “voz de Deus”, utilizava uma narração “fora-de-campo”, ou seja, as imagens eram narradas por um locutor que confere significado para o produto. O problema dessa modalidade, para o autor, é “negar sua cumplicidade com uma

produção de conhecimento que não se apóia em nenhum alicerce mais firme que o próprio ato de produção”.

O estilo seguinte é chamado por Nichols de “cinema direto”. Não utiliza nenhum comentário do narrador, mas capta as ações das pessoas e deixa que o espectador tire conclusões sobre elas. Segundo o autor, os filmes deste estilo:

(...) produzem a estrutura na qual os próprios ‘fatos’ adquirem significado exatamente porque pertencem a uma série coerente de diferenças. No entanto, embora forte, essa construção de diferenças continua insuficiente. Prevalece uma linha simplista de progressão histórica (...). Assim, há apenas um fraco senso de construção de significados, de uma voz textual dirigindo-se a nós. (NICHOLS, 1983, p. 262)

Utilizamos no nosso produto uma mescla do que o autor considera como terceiro e quarto estilos de cinema documental, respectivamente “filme de entrevista” e “documentários auto-reflexivos”. A característica que mais nos interessa no terceiro estilo, criado nos anos 1970 e que fornece o modelo para o documentário contemporâneo, é o uso do discurso direto, no qual o personagem ou o narrador falam diretamente ao espectador, geralmente na forma de entrevista.

A quarta e mais recente fase da produção de documentários destaca-se pela mistura de passagens observacionais – perguntas ou declarações que proporcionam reflexão sobre determinado tema – com entrevistas. Os documentaristas deste estilo utilizam-se muito dos intertítulos como outro indicador de uma voz textual além daquela dos personagens representados.

É importante ressaltar os ensinamentos que Nichols obteve junto ao documentarista Emile De Antonio, qual seja o de contrapor pontos de vista de um personagem com os de outro.

Não é a todo mundo que se pode dar crédito. E nem tudo é verdade. Os personagens não emergem como construtores autônomos de seu destino pessoal (...). Em vez de sucumbir à consciência do personagem-testemunha, o filme conserva uma consciência independente, uma voz própria. A consciência do filme (substituta da nossa) explora, relembra, comprova, duvida. Questiona e crê até a si em si mesma. Assume a voz da consciência pessoal, ao mesmo tempo em que examina a própria categoria do pessoal. Sem ser uma divindade onisciente, nem um porta-voz obediente, a voz retórica de De Antonio nos seduz ao incorporar qualidades, tais como percepção, ceticismo, discernimento e independência das quais gostaríamos de nos apropriar. (NICHOLS, 1983, p. 267)

Durante toda a produção deste documentário, procuramos contrapor as falas de diversos personagens, com o objetivo de chegar o mais próximo possível da verdade. Utilizamos, para tanto, entrevistas e declarações auto-reflexivas para construir o significado de nosso documentário.

Roger Odin afirma em *A questão do público: uma abordagem semiopragmática*:

Minha proposta é reconhecer que não se pode fazer tudo e que, portanto, é preciso aceitar restringir-se a uma abordagem parcial do público. Uma abordagem duplamente parcial que não abranja todo o público e que não pretenda dizer tudo sobre o público. Trata-se de determinar um eixo de pertinência. (ODIN, 2000, p. 56)

Tendo em vista tal conselho, visamos como público alvo prioritariamente os jovens e adultos que se interessam ou estão envolvidos com o ambiente esportivo no Distrito Federal ou no restante do Brasil. Um de nossos objetivos é abordar as condições de formação daqueles que mais tarde serão personagens do esporte de alto rendimento que recebe maior atenção da mídia em nosso país.

No Brasil, o documentário em televisão – alvo de nosso trabalho – começou a ganhar destaque no início dos anos 1970 com o surgimento dos programas *Globo Repórter*, na TV Globo, e *Hora da Notícia*, na TV Cultura. Em ambos os casos havia clara influência da linguagem cinematográfica. No primeiro, utilizavam-se atores na reconstituição dos fatos narrados e se nota preocupação com enquadramentos e movimentos de câmera. Já o segundo programa era composto por pequenos documentários com duração de até sete minutos, gravados em apenas um dia por profissional de cinema.

Mais recentemente, o Núcleo de Documentários da TV Cultura (Nudoc), fundado em

1998, passou a produzir documentários voltados para a divulgação da cultura nacional. Dentre eles, destacou-se *Caminhos e Parcerias*, programa semanal com duração de 30 minutos cujo conteúdo abordava questões relacionadas à cidadania. A equipe procurava projetos sociais pelo Brasil que apresentassem alternativas para uma vida melhor.

A escolha do objeto de estudo está relacionada a dois fatores principais: a reduzida cobertura feita pelas emissoras de televisão sobre a formação de jogadores no Distrito Federal e a importância destes atletas no cenário do futebol nacional. Cabe aqui ressaltar que o documentário, segundo Ivete Carmo-Roldão, Rogério Bazi e Ana Paula Oliveira (2007) caracteriza-se por aprofundar discussões e levantar questionamentos sobre o tema abordado. Para tanto, necessita de pesquisa inicial sobre o assunto a ser realizada durante a fase de sua pré-produção. Para atingir tal meta, foi realizada extensa etapa de pré-produção.

4.1 Documentário e videoreportagem

Embora pretendamos realizar um documentário a ser veiculado em canais de televisão no Brasil, é importante salientar algumas semelhanças e diferenças entre esta proposta e a videoreportagem. Segundo Ivete Carmo-Roldão, Rogério Bazi e Ana Paula Oliveira(2007), ambos os formatos aproximam-se, no que diz respeito à abordagem, quanto aos objetivos de “contar uma história” e buscar o aprofundamento dos assuntos tratados.

Documentários e videoreportagens, contudo, começam a apresentar diferenças ainda em sua concepção, uma vez que o primeiro possui um caráter mais autoral, baseado nas experiências do diretor, e o segundo tende a dar continuidade à linha editorial da emissora em que é veiculado. Além disso, videoreportagens sofrem influência de assuntos em pauta nas mídias jornalísticas e buscam a neutralidade, ao passo que documentários privilegiam histórias não contadas, muitas das quais com caráter histórico, e apresentam críticas e sugestões diante do tema em questão. Essa é a característica básica deste produto, que busca explicitar através de fontes pouco ouvidas no cenário nacional características marcantes da formação de jogadores de futebol no Distrito Federal. Quanto ao formato, a videoreportagem usa técnicas também aproveitadas no telejornalismo diário como offs, sonoras e passagens. Tais técnicas podem ser usadas em documentários, no entanto, existe uma maior preocupação quanto à seleção de fontes, continuidade no roteiro de perguntas, pesquisa bibliográfica e

escolha da trilha sonora.

Na etapa da produção, ambos os formatos se aproximam no que tange aos enquadramentos, planos e movimentos de câmera. Entretanto, o documentário possui um roteiro a ser seguido – o que não significa engessamento – e a vídeoreportagem se constrói ao longo da apuração. Por fim, na pós-produção, a vídeoreportagem lança mão principalmente de cortes secos e de fusões de imagens, já que privilegia a informação, e o documentário possui maior liberdade para explorar diferentes recursos de edição.

5. FUTEBOL NO DF

O futebol chegou a Brasília ainda durante sua construção, no final dos anos 1950. Trabalhadores, dentre os quais operários, formavam times das construtoras e empresas em que trabalhavam, como o Rabello Futebol Clube, fundado em 1957 no acampamento da Construtora Rabello S.A. e o Defelê, equipe do Departamento de Força e Luz da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), criado em 1959. Segundo o jornalista Jorge Martins, em reportagem publicada na revista *Placar* em 28 de dezembro de 1973, ainda no ano de 1958 aconteceu o primeiro campeonato disputado na futura capital do país.

Ao longo da década de 1960, surgiram e foram disputados campeonatos amadores que, além dos times formados por trabalhadores de construtoras, passaram a contar com equipes formadas em repartições públicas como Supremo Tribunal Federal, Tribunal Superior Eleitoral, Câmara dos Deputados e Senado Federal. “Foi criada a Liga Independente de Futebol de Brasília, que, além de reunir clubes do Plano-Piloto congregava agremiações das cidades-satélites, principalmente de Taguatinga” (MARTINS, 1973).

A profissionalização era dificultada pelo desaparecimento de times à medida que as construtoras deixavam a cidade ao término de seus empreendimentos. Entretanto, em 1967, o Defelê, campeão brasiliense daquele ano, foi o primeiro representante da cidade a disputar a Taça Brasil. Segundo Martins, essa foi a primeira experiência de semiprofissionalismo “já que os jogadores que ficavam no come-e-dorme, não no time, mas no emprego. Única fórmula na época para a armação de uma equipe razoável” (MARTINS, 1973).

Assim como o Defelê, Guará e Rabello participaram da Taça Brasil, mas não obtiveram sucesso, o que fez com que o futebol brasiliense retornasse ao amadorismo. Novos times surgiram, dentre eles Centro Universitário de Brasília (Ceub), Gráfica, Piloto e Jaguar, que, no entanto, não conseguiam atrair maior atenção dos amantes do esporte na capital.

Uma importante mudança começou a acontecer quando Hugo Mosca, então presidente da Federação Desportiva de Brasília, destinou recursos para a construção do Estádio Edson Arantes do Nascimento, popularmente conhecido como Pelezão. Pretendia, assim, realizar jogos de tradicionais clubes do futebol brasileiro na cidade, o que terminou por incentivar equipes como o Ceub a formar elencos profissionais para a disputa do campeonato brasileiro.

Entusiasmados com a iniciativa do Ceub, cuja equipe passou a disputar o Campeonato Brasileiro da primeira divisão em 1973, membros da Associação Comercial do Distrito Federal (ACDF) criaram em 2 de junho de 1975 o Brasília Esporte Clube. O surgimento da equipe coincide com o início da profissionalização do futebol no Distrito Federal (DF).

O time, que se tornou clube-empresa em 1999 e passou a se chamar Brasília Futebol Clube, disputou oito campeonatos da Série A do Brasileirão e conquistou o campeonato candango em oito oportunidades⁹. Além da equipe profissional, atualmente, o Brasília possui 100 atletas nas categorias de base as quais estão divididas em infantil, juvenil e juniores. Em 2013, a equipe disputou a 4ª divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol.

No DF, o maior rival do Brasília em tradição é a Sociedade Esportiva do Gama, detentora de dez títulos no futebol candango¹⁰. Fundado em 15 de novembro de 1975 por desportistas que desejavam ver a cidade-satélite representada na competição local, o Gama passou por dificuldades econômicas na década de 1980. No entanto, na década seguinte se reestruturou e, ao conquistar o título brasileiro da segunda divisão em 1998, alcançou o acesso para a Série A, onde se manteve até 2002.

Nos últimos dez anos, a história do Gama foi marcada por dificuldades. O time chegou à Série C em 2004, mas se recuperou e permaneceu na Série B até 2008. Nos anos seguintes, o time caiu para a quarta divisão e pela segunda temporada consecutiva não se classificou para disputá-la. Assim, até o início de 2014, o futebol da equipe será representado apenas pelas categorias de base infantil, juvenil e juniores.

Apesar do grande apelo midiático que ganhou nos últimos anos, o Brasiliense Futebol Clube, equipe da cidade satélite de Taguatinga, não pode ser considerado uma dos clubes mais tradicionais do Distrito Federal, uma vez que só foi fundado em 1º de agosto de 2000, depois de consolidada a estrutura do futebol local. No entanto, o clube ganhou destaque com os meteóricos resultados alcançados, como a posição de finalista da Copa do Brasil (2002), o melhor resultado já alcançado por uma equipe do DF em nível nacional, além dos títulos do

9 Títulos de campeão candango conquistados pelo Brasília Futebol Clube em 1976, 1977, 1978, 1980, 1982, 1983, 1984 e 1987.

10 Títulos de campeão candango conquistados pela Sociedade Esportiva do Gama em 1979, 1990, 1994, 1995, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001 e 2003.

Campeonato Brasileiro da Série C (2002) e B (2004). A equipe – que só tem 13 anos de existência, pouco se compararmos aos 38 anos de fundação de Brasília e Gama – aproxima-se em número de conquistas do campeonato candango. Assim como o Brasília, já possui oito conquistas¹¹, dois títulos a menos que o Gama, o maior vencedor. Apesar dos fantásticos resultados alcançados, o Brasiliense não trabalha com categorias de base, terceirizando o nome e o registro da equipe para as disputas dos campeonatos infantil, juvenil e juniores. Por isso, não foi analisada dentro do escopo deste trabalho. Em 2013, a equipe foi rebaixada da 3ª divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol.

O Clube da Saúde foi criado em 1973 para receber os profissionais da saúde pública do Distrito Federal. A formação de equipes de futebol de base, no entanto, só passou a acontecer em 2006, inicialmente apenas como projeto social do clube, uma opção de lazer para os associados. A formalização das categorias Infantil e Juvenil aconteceu em 2008, ano em que o clube conseguiu o registro amador junto à Federação Brasiliense de Futebol.

Desde 2010, a equipe conta com a categoria júnior, sempre em parceria com equipes que possuem registro profissional, necessário para que se possa disputar competições nessa categoria. Em 2013, por exemplo, foi feita uma parceria com o Capital Futebol Clube, equipe da cidade satélite do Guará, para a disputa do Campeonato Brasiliense de Juniores. A equipe foi batizada de Capital/Clube da Saúde e, com esse nome, irá disputar a Copa São Paulo de Futebol Júnior em 2014.

Além da parceria na equipe júnior, a equipe funciona como matriz das equipes infantil e juvenil do Legião Futebol Clube e do Sobradinho Esporte Clube. Os melhores talentos entre as três equipes são filtrados para formar a equipe júnior do Clube da Saúde.

O Clube da Saúde também conta com o patrocínio da *Servlimp*, empresa especializada em soluções de limpeza, com quem divide os custos de manutenção das categorias juniores (todos os atletas terão contrato profissional assinado até a Copa São Paulo, em janeiro de 2014), com a promessa de divisão de lucros em caso de venda de algum jogador.

O clube que apresenta o projeto mais ambicioso é o Brasília. O plano é ter o elenco profissional com 50% dos jogadores formados na categoria de base em um período de quatro anos. A equipe conta com três divisões nas categorias de base: infantil (garotos com menos de

11 Títulos de campeão candango conquistados pelo Brasiliense Futebol Clube entre 2004-2009, 2011 e 2013

15 anos), juvenil (entre 15 e 17 anos) e júnior (até 19). No entanto, apenas os juniores têm local fixo de treinamento, no chamado *Power Stadium*, antigo centro de treinamentos do Jaguar Esporte Clube, localizado na cidade de Brazlândia. Os outros atletas revezam os treinamentos entre o estádio JK Paranoá, o Centro de Treinamento da antiga equipe Defelê, na Vila Planalto, e o Parque da Cidade. Os jogadores das categorias de base têm acesso a dentista e fisioterapeuta, e, em caso de necessidade médica, são encaminhados a hospitais públicos.

Já o Gama conta com as categorias de base infantil (garotos com menos de 15 anos), juvenil (até 17 anos) e juniores (máximo de 20 anos). Também mantém uma parceria com a equipe do Gaminha¹², que abriga as categorias fraldinha (a partir dos 8 anos), mirim (10-11 anos) e infantil (máximo de 14 anos). Os jogadores treinam no centro de treinamento do Gama e do Gaminha, ambos localizados na cidade do Gama. No entanto, o gerente das categorias de base, Corinto Silveira, afirma durante as entrevistas que não há médicos ou psicólogo no estafe permanente do clube.

O Clube da Saúde conta com um gramado de tamanho oficial, outro gramado de menores proporções e um campo de grama sintética a disposição dos atletas, além de piscina olímpica, sauna e academia. Assim como Gama e Brasília, conta com atletas nas categorias Infantil (menores de 15 anos), Juvenil (até 17 anos) e Juniores (até 20 anos). Os atletas têm à disposição uma clínica de fisioterapia parceira do clube e a própria clínica hospitalar estabelecida dentro do Clube da Saúde.

A comissão técnica do Brasília na base é a mais completa, com treinador, preparador físico, fisioterapeuta e preparador de goleiros. No Clube da Saúde, há o treinador, preparador físico e preparador de goleiros, mas não um fisioterapeuta permanente. No Gama, conta-se apenas com o treinador, que faz as vezes de preparador físico, e um preparador de goleiros.

Todos os clubes afirmam que há preocupação com o desempenho escolar dos atletas, apesar de admitirem que muitas vezes esse monitoramento é feito de forma distante. A Federação Brasiliense de Futebol exige a apresentação de histórico escolar e declaração de aluno regular apenas no momento do registro do jogador como atleta amador, deixando a posterior fiscalização a cargo dos clubes. Os atletas entrevistados, no entanto, negam haver qualquer vigilância do clube em relação à vida escolar dos jogadores.

Em todas as equipes, os jogadores de maior destaque assinam contratos profissionais a

12 Maiores informações no site <http://www.futebolnacional.com.br/infobol/teamdetails.jsp?code=4374>.

partir dos 16 anos, para evitar que deixem os clubes formadores sem nenhum ressarcimento. Ainda assim, os dirigentes afirmaram durante as entrevistas que grande parte dos atletas de melhor desempenho acaba procurando equipes de outros estados ou mesmo de fora do Brasil em busca de mercados mais fortes que o Distrito Federal.

6. PERSONAGENS

Victor Cruz é natural do Rio de Janeiro. Tem 17 anos e pôde fazer comparações entre as realidades futebolísticas do Rio e de Brasília e contar como é viver longe da família, principalmente após perder a mãe, Mariléia Francisco da Cruz, vítima de um câncer cerebral. Mora com outros dez atletas de sua faixa etária nos alojamentos do Brasília Futebol Clube e aponta a saudade de casa como o mais duro desafio que enfrenta na carreira. Aposta todas as fichas de um futuro profissional de destaque no futebol, parou de estudar no nono ano do Ensino Fundamental. Tem no pai, que trabalha em São Paulo, o principal apoio psicológico e o maior incentivador de sua carreira. É o atacante central das equipes juvenil e júnior do Brasília e vive a expectativa de ser chamado para sua primeira Copa São Paulo de Futebol Júnior¹³.

Felipe Rocha é morador da cidade satélite do Gama. Aos 16 anos, mora com a mãe e a irmã em um apartamento localizado a mais de 50 quilômetros do centro de Brasília. O pai tem outra família e Felipe tem cinco meio irmãos. Não frequenta a escola porque “não gosta” e por conta da distância desta para sua casa, o que dificultaria sua ida aos treinos da Sociedade Esportiva do Gama. Por ter abandonado os estudos, diz depositar todas as suas esperanças em se tornar um jogador profissional de futebol. A principal incentivadora de sua carreira é a mãe, Maria Aparecida Lima da Rocha, carinhosamente chamada de Cida, auxiliar de serviços gerais no Hospital Regional do Gama que vê no filho uma chance de ascensão social através do esporte. Atua no meio de campo da equipe juvenil do Gama, participou de uma Copa São Paulo no início de 2013 e vive a expectativa de ser chamado para as categorias de base do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, clube da primeira divisão do futebol brasileiro.

Felipe Sanchez se encontra em situação socioeconômica distinta dos dois primeiros personagens. Mora no centro de Brasília, junto com a mãe, o pai e os dois irmãos. Coursou as melhores escolas da cidade e é aluno de Engenharia Elétrica na Universidade de Brasília. Possui empresa própria de reforço escolar para alunos com dificuldade no aprendizado e várias alternativas profissionais, além do futebol. Tem no pai, José Sanches Neto, o principal incentivador de sua carreira. Aos 19 anos, disputará a primeira e última Copa São Paulo de

13 A comissão técnica da equipe nos adiantou que o atleta já está selecionado, mas para não atrapalhar seu desempenho, ainda não foi comunicado.

sua carreira¹⁴, na expectativa de uma melhor oportunidade profissional. É meia do Clube da Saúde.

Seguimos tal escolha de personagens a partir do conselho de Paulo Vinícius Coelho no livro *Jornalismo esportivo*:

A noção de realidade que o jornalismo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante como qualquer outra no jornalismo. O ponto chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que a noção de realidade. (...) A emoção também faz parte do jornalismo, como bem mostraram as crônicas de Nelson Rodrigues no passado. E alguém precisa fazê-la retornar ao cotidiano das páginas esportivas. (COELHO, 2005, p. 22-24)

Os personagens escolhidos, além de fazer parte do universo estudado, também apresentam histórias de vidas interessantes e complementares, com diferentes desafios de vida a serem superados.

Um dos pontos críticos em relação à pesquisa era como os atletas se preparavam caso a carreira de jogador de futebol não desse certo. Segundo Damo:

“Quando vista na perspectiva dos atletas, a formação/produção é um processo altamente competitivo. São aproximadamente 5.000 horas de investimentos, distribuídos ao longo de aproximadamente 10 anos, realizados diretamente no corpo, em rotinas altamente disciplinadas, extenuantes e seguidamente monótonas”. (DAMO, 2005, p. 14)

Além disso, é necessário o dom, que Damo classifica como “capacidade de simplificação, de solucionar tecnicamente os desafios do jogo, fluidez, facilidade de driblar, imaginação, poder de criação e rapidez de raciocínio” (DAMO, 2005, p.109).

Para o autor, o entendimento do dom pode ser dividido em dois eixos (p. 105):

- **Sinônimo de talento:** o dom equivale a uma predisposição inata, algo que está no sujeito e pode ser aperfeiçoado, mas que comporta um residual intangível à cultura “com exceção do talento, tudo o mais se ensina em futebol, e o talento se aprimora ou se estiola”.

14 A Copa São Paulo de Futebol Júnior só pode ser disputada por atletas com até 20 anos, idade que Felipe alcançará em janeiro de 2014, quando começa a competição.

- Sinônimo de dádiva: o dom equivale a uma predisposição que, além de inata, é herdada, razão pela qual se aproxima da noção de dádiva.

Damo ressalta a entrega completa, uma alienação do mundo pelo futebol, o processo pelo qual passam os atletas que desejam se tornar profissionais.

Para aderir à formação, é preciso desejá-la princípio da voluntariedade; mas isso não basta, é preciso ser escolhido princípio da elegibilidade; e se estes dois princípios convergem, é preciso entregar-se de corpo e alma princípio da dedicação integral, a partir do qual “se respira futebol”, (...) os atletas são dragados de tal modo pelo circuito restrito ao *métier* que acabavam por alienarem-se do mundo, para ter uma carreira média, em caso de profissionalização, de 15 anos úteis. (DAMO, 2005, p. 261)

Muitos, no entanto, ficam pelo caminho, sem nem suspeitar que não têm o dom (DAMO, p. 261). A competição é grande e a chance de sucesso, baixa. Durante conversa com os repórteres, José Sanchez Neto, pai de Felipe Sanchez, comparou as chances de sucesso de um jogador se tornar um profissional altamente remunerado a uma loteria: “Se pegarmos a quantidade de vencedores da loteria Mega Sena, veremos que de lá saem um ou dois milionários por mês. No futebol de Brasília, o número de jogadores que se tornam profissionais com bons contratos é de um ou dois por ano”.

A maioria dos jogadores acaba deixando de lado as escolas para tentar a carreira profissional. Entre os entrevistados, apenas Felipe Sanchez continua sua evolução acadêmica, como estudante da Universidade de Brasília. Victor Cruz e Felipe Rocha não finalizaram o ensino fundamental, e não cogitam um retorno à escola. O futebol é, para esses jovens, a única oportunidade de uma carreira profissional de destaque.

Segundo artigo de Camilo Araújo Máximo de Souza, “Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros” (p. 102):

A escola pública não é um espaço valorizado e vivido como possibilidade de ascensão social e econômica. Mesmo sem nenhuma garantia de sucesso e continuidade, os nativos optam pela oportunidade aberta pelo esporte, indicando que é mais atraente do que o percurso “normal” de permanência na escola pública. (SOUZA *et al*, 2008, p. 102)

A questão se torna ainda mais grave por conta da difícil reconversão do capital físico e mental obtido durante os treinos para se tornar um jogador profissional, como explica Souza:

Um engenheiro ou médico pode iniciar sua carreira com 25, 35 ou 45 anos, ainda que as dificuldades se avolumem com o avanço da idade. No caso do futebolista o prazo para a profissionalização é mais rígido, em geral no final da adolescência. Não há muitas oportunidades de reconversão do capital investido e, à medida que o tempo passa, a entrada no mercado do futebol de espetáculo se torna mais difícil. Temos, portanto, uma situação inversa à do mercado formal de trabalho. No futebol, o treinamento intenso e a especialização se iniciam na infância e/ou adolescência. A profissionalização ocorre, salvo exceções, entre os 18 e 20 anos de idade. Essa realidade faz com que os jovens que almejam êxito tenham que, desde cedo, apostar todas as suas fichas no sonho da profissionalização no futebol. (IDEM, p. 107)

O perfil dos atletas escolhidos vai de classe média baixa a alta. Em desencontro com o que é popularmente imaginado, dificilmente jovens em condição de miséria atingem o profissionalismo. No artigo “Putas, escravos e ganhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais”, Loïc Wacquant bem define esta questão, se fizermos um paralelo entre o futebol brasileiro e o boxe americano:

É pelo viés das inclinações e dos hábitos exigidos pela prática pugilística que os jovens saídos de famílias mais despossuídas são eliminados: tornar-se pugilista exige, de fato, uma regularidade de vida, um sentido de disciplina, um ascetismo físico e mental que não pode se desenvolver em condições sociais e econômicas marcadas pela instabilidade crônica e pela desorganização temporal. Abaixo de um determinado limiar de estabilidade pessoal e familiar objetiva, torna-se altamente improvável adquirir os meios corporais e morais indispensáveis para amadurecer com sucesso no aprendizado desse esporte. (WACQUANT, 2000, p. 61)

O artigo de Carmem Rial (2006) “A circulação de jogadores brasileiros no exterior” apresenta justificativas semelhantes, no recorte específico da realidade brasileira:

Jogar futebol no Brasil não é ocupação da parcela social considerada miserável, pois o esporte demanda um mínimo necessário para um jovem se profissionalizar (chuteiras, contatos com os clubes, passagens de ônibus, dispensa do trabalho). Também não é ocupação das camadas sociais dominantes, cujos projetos de continuação da reprodução social do capital preveem que os herdeiros, preferencialmente, os filhos homens, assumam a liderança dos negócios. Futebol então fica sendo um projeto possível para uma larga faixa da população brasileira, a das camadas subalternas, que vai dos pobres até as camadas médias baixas (...) As histórias que ouvi têm muitos pontos em comum, são histórias de vida de famílias de que, como reconhecem, não passavam fome, mas passavam necessidade. (RIAL, 2006, p. 34)

O apoio da família é fundamental para a formação dos atletas profissionais. Além do suporte psicológico, o início da atividade também apresenta custos, como a compra de material esportivo e o deslocamento ao local de trabalho, posteriormente assumido pela equipe ou por patrocinadores caso o atleta se torne profissional. Sobre isso trata Rial:

Os jogadores precisam de um forte apoio familiar no início, não apenas por serem dispensados de contribuir para o sustento familiar numa idade em que outros irmãos mais velhos já estariam trabalhando, mas também porque essa profissão implica em despesas com material esportivo (e são muitas as histórias envolvendo os trabalhos extras que foram necessários para a família para permitir a aquisição das primeiras chuteiras) e em despesas de transporte entre a residência e o local do treinamento. (RIAL, 2006, p. 36)

É também no seio familiar que o atleta adquire hábitos básicos de educação vitais ao prosseguimento da carreira. Questões como o respeito aos colegas e profissionais no dia a dia, seriedade e compromisso familiar são tão importantes para a evolução do atleta quanto a lapidação de seu dom. No entanto, adquirir tais características é mais difícil em famílias miseráveis ou desestruturadas, uma vez que essas não possuem as condições financeiras e a estabilidade para educar seus filhos, o que torna mais difícil a inserção dessa criança em grupos que possuam normas e regras (SOUZA *et al.*, 2008, p. 97)

Entre os jogadores entrevistados, Felipe Sanches é aquele que possui o núcleo familiar mais estruturado. A família deu todo o apoio necessário para sua carreira como jogador, e sempre cobrou empenho em sua vida escolar. Durante as entrevistas, mostrou possuir todos os requisitos sociais para manter relações profissionais em qualquer área.

A condição de Felipe Rocha é oposta. Vive apenas com a mãe irmã mais nova, que veem no sucesso de Felipe como atleta a única oportunidade de ascensão social. O técnico de

Rocha aponta a “cabeça”, sinônimo para regras de comportamento dentro e fora de campo, como seu principal defeito. A mãe, no entanto, apoia como pode o sonho do filho de se tornar jogador.

Com a morte de sua mãe, Victor se apoia no pai para manter a carreira, apesar da distância. A mãe morreu durante a disputa do Campeonato Brasiliense de Juniores de 2013, e Victor aponta como uma de suas maiores motivações cumprir o sonho que ela tinha de vê-lo como jogador profissional. Ainda assim, vê na distância da família a principal dificuldade que enfrenta durante sua estadia no Brasília Futebol Clube.

7. CATEGORIAS DE BASE E CALENDÁRIO

As categorias de base no futebol brasileiro se dividem em três: infantil (13 aos 16 anos), juvenil (16 e 17 anos) e juniores (18 aos 20 anos). Atletas de maior destaque podem pular etapas dentro destas categorias. O quadro da tese *Do dom à profissão*, de Arlei Sander Damo (2001, p. 174), enumera cinco ciclos na carreira de um atleta profissional, dos quais apenas os três primeiros, que tratam das etapas de formação, interessam a este trabalho:

- Ciclo de aprendizagem ou pré-formação: Domínio das técnicas elementares, frequência (*sic*) de escolinhas, eventual reconhecimento do talento, seleção e recrutamento para a formação. Dos primeiros passos aos 14 anos.
- Ciclos de preparação ou formação: Restrito aos vocacionados, aos que dispõem do dom. Refinamento das técnicas corporais e progressão em direção ao profissionalismo ou exclusão. A partir dos 10 anos, intensificando-se dos 14 aos 20 anos¹⁵.
- Ciclos de aprimoramento e de atuação: Atuação profissional sujeita a variações em termos de remuneração, prestígio e sucesso, embora ser profissional seja um valor em si, pois é associado a um ideal de masculinidade. Entre os 17 e os 35 anos¹⁶.

Nas competições entre clubes, os atletas medem seu grau de desenvolvimento e podem ser observados por representantes de equipes maiores. No Distrito Federal, o calendário é mais generoso com as categorias infantil e juvenil. O fato de clubes amadores poderem inscrever equipes em competições dessas categorias e de que a maioria dos atletas nessa faixa etária ainda não possuem contratos profissionais¹⁷, o que diminui os custos para os clubes, facilita a realização de competições ao longo de todo o ano. Em geral, as equipes mais estruturadas realizam excursões durante as férias escolares do início e do meio do ano, nos

15 Período principal de estudo deste trabalho.

16 Os atletas Victor Cruz e Felipe Sanchez encontram-se no início deste período, com propostas de contrato profissional e a perspectiva de disputar a Copa São Paulo de Futebol Júnior.

17 Existem dois tipos de contrato para atletas de futebol: o amador e o profissional. O contrato amador é um registro que permite aos atletas disputarem competições das categorias de base, além de garantir ao clube uma compensação financeira em transações futuras, chamada de direito de formador do atleta. A partir dos dezesseis anos, é permitido a assinatura de contratos profissionais, de acordo com as normas da Consolidação das Leis Trabalhistas, a CLT, e da lei n° 9615 março de 1998, conhecida como Lei Pelé, que regulamenta a profissão.

meses de janeiro e julho.

Entre março e julho, as equipes dessas categorias disputam o campeonato da Associação de Garantia ao Atleta Profissional do Distrito Federal (AGAP- DF), considerado o segundo campeonato mais importante do ano para essas categorias. Não há pré-requisitos para participar da competição. Em 2013, participaram 27 equipes na categoria infantil e outras 27 equipes no juvenil. Entre agosto e dezembro, as equipes dessas categorias disputam o Campeonato Brasiliense de Futebol, a competição mais importante com o mesmo número de equipes da Copa AGAP. Para participar, é necessário possuir registro amador ou profissional na Federação Brasiliense de Futebol.

Na categoria júnior, diminui-se a quantidade de jogos e afunila-se o nível técnico das equipes. Entre março e início de maio, disputa-se a Copa AGAP-DF da categoria. Nessa etapa, os jogadores já estão a um passo da profissionalização, o que aumenta os custos de manutenção e o nível técnico exigido para se competir. Por conta destes fatores, participam menos equipes (11) que nas categorias infantil e juvenil, o que torna o campeonato mais curto. A competição serve para preparar os atletas para o mais importante campeonato regional das categorias de base, o Brasiliense de Juniores, que se inicia em maio e termina entre o final de julho e os primeiros dias de agosto, e só pode ser disputado por equipes profissionais. O campeonato também é mais curto que nas categorias infantil e juvenil, com apenas 12 equipes.

O campeão brasiliense de juniores ganha vaga direta para a maior competição de categorias de base do Brasil, a Copa São Paulo de Futebol Júnior. O vice-campeão recebeu convite para disputar a competição nos últimos seis anos. Os resultados do campeonato brasiliense têm de ser informados à Federação Paulista de Futebol até setembro para que sejam feitos os registros na Copa São Paulo, razão que leva o campeonato brasiliense de juniores a terminar no meio do ano.

As equipes que não se classificam para a Copa São Paulo em geral dispensam os atletas da categoria júnior. Aquelas que disputam a segunda divisão do Campeonato Brasiliense de Futebol Profissional ainda mantêm seus atletas até o final de setembro, pois essa competição permite que os elencos contem com até cinco atletas sem contrato profissional.¹⁸

18 O Campeonato Brasiliense de Futebol de primeira divisão permite até dois atletas sem contrato profissional.

Brasília e Clube da Saúde têm hoje as melhores equipes na categoria júnior. O Clube da Saúde é o atual campeão da Copa AGAP, com o Brasília na segunda colocação. As posições se inverteram no Campeonato Brasiliense de Futebol Júnior. Ambos foram convidados para participar da Copa São Paulo de Futebol Júnior. Como o Clube da Saúde só possui registro amador na Federação Brasiliense de Futebol, disputa competições dessa categoria em parceria com a equipe do Capital, que possui registro profissional.

8. FUTEBOL, NOTÍCIA E TELEVISÃO

O esporte segue, em geral, filtros semelhantes aos de outras editorias do jornalismo no que tange à seleção do que será noticiado. Sousa trata sobre o tema, apontando as características procuradas para a construção da notícia:

Como em qualquer produto jornalístico, a seleção da notícia esportiva é um processo norteado pelos critérios de noticiabilidade universais à atividade de produção e transformação de acontecimentos em fatos noticiáveis. Também no noticiário esportivo tem mais chances de se tornar notícia o que é factual, que desperta o interesse do público, que atinge o maior número de pessoas, que seja inusitado ou curioso, que seja novidade e que apresente bons personagens. (SOUSA, 2010. p.2)

Alguns critérios, no entanto, são considerados próprios ao jornalismo esportivo. Sousa (IDEM, p. 3) ressalta quatro temas exclusivos à cobertura esportiva, dos quais apenas os dois primeiros fazem parte de nosso documentário:

- Narrativa de redenção e superação
- Ocorrência de competições
- Resultados inesperados
- Rivalidade e provocações

O noticiário em televisão tem algumas outras demandas próprias ao veículo. A utilização de recursos audiovisuais traz desafios a serem considerados.

Para o caso de a notícia ser veiculada na televisão, o acontecimento precisa ainda ser capaz de gerar boas imagens, ter unicidade, ser parte de uma grande narrativa, causar impacto emocional e apresentar um potencial espetacular para fazer frente aos demais produtos televisivos. (SOUSA, 2010, p. 4)

A imagem, em si, talvez seja a principal dessas demandas. Uma boa fotografia é imprescindível para qualquer produto audiovisual. A qualidade audiovisual, no entanto, não é suficiente para sustentar o documentário. Quanto a isso, argumenta Sousa:

Por isso, apesar de verificarmos a ocorrência de boas imagens em todas as reportagens do corpus¹⁹, em nenhuma delas este critério apareceu como o mais determinante para a seleção das notícias. Daí concluímos que este não é um critério autônomo, como pode sugerir a natureza do meio audiovisual. Ao contrário, uma boa imagem dissociada de uma boa estória seria apenas mais uma em um fluxo que constantemente produz boas estórias que se apoiam em boas imagens. (SOUSA, 2010, p. 4)

O uso do humor é recurso constantemente utilizado na veiculação das notícias esportivas. O espectador vê neste noticiário um fator de fuga e entretenimento em meio ao abundante fluxo informativo da sociedade atual (SOUSA, 2010, p. 2). Porém, o tema e o próprio formato documentário de certa forma inibem a utilização dessa característica. Os personagens vivem em uma atmosfera de expectativa e ansiedade em relação ao seu futuro profissional, e os profissionais das categorias de base tratam o trabalho como um degrau de evolução para a categoria profissional, de forma bastante séria. A esfera informativa, portanto, inibe o recurso do humor neste produto.

O Brasil apresenta como característica o quase monopólio do futebol no noticiário. O esporte representa quase 80% do noticiário esportivo nacional (SOUSA, 2010, p. 5).

A autora explica que a construção de narrativas tendo como base a oportunidade de crescimento social que o futebol representa é já uma metáfora do esporte no país:

A exposição na mídia fez do futebol a grande vitrine e a grande oportunidade para que os jovens trilhassem uma via que os afastasse da violência e os levasse da pobreza à riqueza, do anonimato à celebridade através de seu talento em campo. Histórias que confirmem esta narrativa têm uma maior probabilidade de serem selecionadas porque já viraram metáfora do futebol em um país tão desigual quanto o nosso. (SOUSA, 2010, p. 7-8)

A escolha de acompanhar a história de atletas como fio condutor do documentário é, portanto, de certa forma uma constante no noticiário esportivo. A editoria de esportes tem

19 De 21 reportagens analisadas por Sousa durante a construção do texto.

como grande apelo histórias de vida interessantes. Sobre isso, também fala Sousa:

O público já não se satisfaz mais com o esporte e sim com estórias sobre esportes.(...) O noticiário esportivo em televisão se pauta cada vez mais pelos personagens que protagonizam as histórias noticiáveis, sejam eles celebridades ou anônimos. Reportagens inteiras passam a ser narradas a partir da perspectiva do personagem, que supostamente é um componente de humanização da notícia, uma das prerrogativas de um jornalismo que busca se afastar da frieza dos acontecimentos em si, da narrativa do fato pelo fato. (SOUSA, 2010, p. 6 e 8)

Os telespectadores normalmente desconhecem a quantidade de diferentes profissionais envolvidos na realização de um programa. Um deles é o produtor de televisão, responsável por analisar e relacionar determinado produto ao seu público-alvo, prever os custos necessários para a realização desta produção e estimar o retorno financeiro. Outra função importante é a do diretor. Ele é o responsável pelo programa, durante todas as fase de produção. Em outras palavras, transforma o roteiro em um programa de TV (WHITTAKER, 2003). Cabe ao diretor dar forma final do programa.

O fato de esse produto ter sido realizado por apenas dois componentes dificultou a divisão de tarefas. Os dois repórteres se envolveram em aspectos de produção e direção, mas pode-se dizer que o papel maior de produtor coube a João Bosco Lacerda, responsável pelo primeiro contato com todas as fontes do produto e por organizar as listas de contatos e endereços. A Rogerio Verçoza coube o papel maior de diretor, pensando sempre no formato do produto e as filmagens necessárias para realizá-lo.

A televisão é um meio de alto custo técnico e de produção, que não tolera falhas. Por esse motivo, simplesmente ter uma ideia para um programa não é suficiente. É preciso analisar sua viabilidade de execução. Em seu manual de produção televisiva, Harris Watts (1990) lança mão de questões que servem para nortear a possibilidade de levar adiante ou não um protótipo de programa: produzir programas sobre assuntos que o produtor tem domínio, selecionar assuntos que despertem mais facilmente o interesse do público e manter um arquivo de *insights*.

O processo de produção do programa pode ser dividido em três etapas: a pré-produção, a produção e a pós-produção.

8.1 Pré-Produção

A partir da concepção e análise da ideia – no nosso caso, analisar os personagens e a estrutura de três clubes de futebol do DF como um recorte geral do esporte na região – inicia-se então a pré-produção do programa. Este é o momento de levantamento de informações e necessidades para o programa, análise de roteiro, escalação da equipe, orçamento, decupagem técnica, reconhecimento das locações e elaboração da agenda de produção. A pré-produção é, por vezes, a parte mais demorada do processo, pois é neste momento que se pensa em todos os detalhes do programa e se prevê possíveis problemas que poderiam ocorrer nas gravações, a fim de evitá-los.

O trabalho de pesquisa e produção deste documentário iniciou-se em março de 2013, durante a realização do pré-projeto de pesquisa, requisito da Faculdade de Comunicação para a realização deste produto. Logo depois de definirmos o tema de trabalho, buscamos informações sobre os clubes que poderiam representar o futebol de base em Brasília. No início do projeto, o contato com jornalistas que melhor conheciam o futebol local foi de vital importância para a realização do trabalho.

Sabíamos que o clube de maior sucesso recente no futebol do DF, o Brasiliense, não possui um trabalho de categorias de base, permitindo que a equipe do Centro Esportivo Brasil Central – uma das filiais do grupo de empresas de educação AGO – utilize o nome e o registro da equipe para as disputas dos campeonatos de base, e portanto não seria um bom representante para os objetivos propostos por este documentário.

José Cruz, veterano jornalista esportivo brasiliense, indicou o Brasília Futebol Clube, o Cruzeiro Futebol Clube²⁰ e a Sociedade Esportiva do Gama como aqueles que realizam um trabalho de maior consistência no futebol amador da cidade.

Seguimos a indicação e pesquisamos a história desses clubes, além de amearhar uma lista de contatos com os atuais profissionais dos clubes. Este foi um processo complexo, uma vez que entre os clubes inicialmente escolhidos, nenhum disponibiliza telefone para contato em sites da internet. Contamos então com a ajuda do colega Lucas Bolzan, profissional do site de notícias *Clube do Esporte DF*²¹, para conseguir o contato dos dirigentes das equipes locais.

A partir de então, foram feitos contatos por telefone para a obtenção de informações

20 Cruzeiro Futebol Clube do DF, não o homônimo de Minas Gerais.

21 www.clubedoesportedf.com.br

sobre as equipes e a confirmação da possibilidade de realizar as filmagens. Confirmadas as expectativas, criamos um roteiro de perguntas que serviriam de base para a produção do documentário (anexo 1) com as questões que queríamos elucidar sobre o futebol local. Foi feito também contato com a Federação Brasiliense de Futebol, tanto para obtermos informações necessárias ao produto quanto para a colaboração em filmagens subsequentes.

Os meses de agosto e setembro foram dedicados à apuração de dados e acompanhamento da estrutura das equipes, além da definição do formato da narrativa do documentário. Decidimos nessa etapa que o documentário teria como fio condutor o depoimento de três atletas dos clubes escolhidos, complementados por outros personagens vitais para o entendimento do futebol no DF, e que nosso principal objetivo era dar ao espectador um panorama geral do futebol na região.

Em meados de agosto, o Cruzeiro F.C. desistiu de participar do Campeonato Brasiliense Infantil e Juvenil, dispensando todos os atletas dessas categorias, o que inviabilizou a participação deste clube no documentário. No entanto, havíamos notado a importância das equipes amadoras no futebol de base do DF – há quase o triplo de equipes amadoras registradas na Federação Brasiliense se compararmos com o número de equipes profissionais. Aproveitamos que uma dessas equipes, o Clube da Saúde, em parceria com o Capital Futebol Clube, havia conquistado a segunda posição no Campeonato Brasiliense de Futebol Júnior, e, conseqüentemente, uma vaga para a Copa São Paulo²², para incluí-la no produto como representante dos clubes amadores.

Durante este período visitamos os locais de treinamento das equipes e perguntamos sobre histórias interessantes que pudessemos utilizar no produto. Descobrimos que todos os clubes possuíam atletas de outros estados, e decidimos que um de nossos personagens estaria nesse grupo. Como forma de demonstrar as diferentes realidades socioeconômicas daqueles que sonham serem jogadores de futebol e os desafios que essas diferenças representam, resolvemos escolher os outros dois personagens com base na condição financeira e na estrutura familiar. Em conversa com os técnicos e coordenadores das equipes escolhidas, encontramos perfis com as características que procurávamos.

22 Apesar de a vaga só estar garantida para o campeão, ano de 2014 será o sétimo consecutivo em que o vice-campeão brasiliense de juniores é convidado a participar da Copa São Paulo.

8.2 Produção

Momento em que o programa é gravado. O produtor, neste momento, deve marcar e conciliar horários de ensaios, gravações, descansos, providenciar transportes, autorizações, fitas, organizar materiais de todos os tipos, entre outras tarefas que apareçam no decorrer do trabalho. Em uma produção audiovisual, seja ela cinematográfica ou televisiva, o período das filmagens acaba sendo o ato central da produção (VALIM, COSTA, 2002).

A maioria das gravações foram realizadas pela manhã, uma vez que ambos os repórteres trabalham à tarde, e nos finais de semana, quando ocorreram os jogos das equipes, e também o único momento disponível para que vários personagens deste produto pudessem gravar entrevistas em horários possíveis para os repórteres. No entanto, algumas gravações à tarde foram inevitáveis. Apenas o Clube da Saúde realiza treinos pela manhã. Gama e Brasília treinam à tarde durante a semana. Nesses dias, pedimos a colaboração das empresas em que trabalhamos para mudarmos o turno de atividades e podermos realizar as filmagens.

Em torno das filmagens se organiza todo o planejamento, a elaboração do roteiro e a pré-produção. Assim como também é a partir das filmagens que se desenvolvem as partes posteriores do processo, como a montagem, a edição de áudio e de vídeo, a arte gráfica e efeitos especiais.

O extenso trabalho de pré-produção em muito nos ajudou durante as filmagens, uma vez que já conhecíamos e havíamos explicado o trabalho a ser realizado para todas as fontes com quem pretendíamos filmar, garantindo o material necessário para a realização deste documentário. Também descobrimos os endereços dos centros de treinamento dos clubes, todos a pelo menos 20 quilômetros do plano piloto, em localidades que poderiam causar dificuldades de acesso caso fôssemos pela primeira vez no momento das filmagens.

Cabe, principalmente, ao diretor de fotografia a captação das imagens. O diretor geral coordena este trabalho. As ideias e ações entre estes dois profissionais devem sempre estar em sintonia, pois o primeiro precisa atender as expectativas do diretor geral, assim como este precisa ser claro ao dizer que imagem quer. Por ser realizado apenas pela dupla, coube a Rogerio Verçoza o papel de diretor de fotografia e repórter cinematográfico e, na maior parte do tempo, diretor do produto. O acúmulo das funções, apesar da sobrecarga causada na dupla, facilitou a montagem do produto, uma vez que ambos participaram de todo o processo de

produção e tinham totais condições de tomar as decisões necessárias.

A captação das imagens e do áudio de um programa de televisão não é tão simples quanto parece. É preciso uma gama de habilidades técnicas para o manuseio correto do equipamento de filmagem. Além disso, o conhecimento teórico de fotografia, imagem e movimento faz com que o diretor de fotografia produza planos muito mais criativos e esteticamente atraentes (WATTS, 1990).

A técnica para a captação de imagens é facilmente adquirida com treinamento e prática diária, pois se trata de ações e procedimentos para estabelecer um padrão para as imagens geradas. Dentre os aspectos técnicos necessários para uma boa produção estão o balanceamento de branco, controle de íris, zoom e foco, formato e definição. Estar atualizado sobre equipamentos e tecnologias disponíveis no mercado também se torna importante para um produto de qualidade.

Além da técnica, o conhecimento teórico pode ser de grande ajuda para que a ideia seja transmitida com êxito ao público. Um bom entendimento sobre enquadramentos, movimentos, cores, locações e mesmo sobre referências torna o projeto rico e criativo, bem como facilita ao público a captação da mensagem a ser passada. Novamente confiamos na experiência de Rogerio, há quatro anos repórter cinematográfico profissional, para o bom cumprimento de tais demandas.

Inúmeros profissionais, com funções distintas, podem ser acionados no processo de produção, tais como: diretores ou técnicos de áudio, operadores de microfone, roteiristas, operadores de videoteipe, operadores de GC (gerador de caracteres), assistentes de produção, diretores de fotografia, operadores de câmera, entre muitos outros cargos possíveis (WHITTAKER, 2003). Como o produto foi feito pela dupla, com auxílios pontuais, nota-se alguns pequenos defeitos estéticos, como imagens que poderiam ser feitas com um pouco mais de luz e áudios com alguns ruídos de fundo.

Por força das circunstâncias, o trabalho de filmagem começou antes de finalizada a apuração, no dia 20 de julho de 2013. Nessa data, o Brasília jogava contra o Ceilândia Esporte Clube o jogo de volta da semifinal do Campeonato Brasiliense de Futebol Júnior. A primeira partida havia terminado em um empate sem gols, e um novo empate garantiria a classificação do Brasília para a Copa São Paulo de Futebol Júnior, a principal competição brasileira nas categorias de base. Pudemos filmar a preparação da equipe antes do jogo, fazer o primeiro

contato com os atletas e a comissão técnica e conhecemos a história dramática de Victor Cruz, que havia perdido a mãe para um câncer dias antes da partida. Gravamos também trechos da partida e a comemoração após o fim do jogo, empate com um gol para cada lado que classificou o Brasília para a Copa São Paulo.

No dia 23 de setembro, as filmagens foram reiniciadas. Por conta da necessidade de conciliar a disponibilidade da dupla, das fontes e a disponibilidade de equipamento da UnBTV, as entrevistas foram agendadas na mesma semana em que eram realizadas.

Os repórteres dividiram a tarefa de marcação de entrevistas. Não raras vezes, determinadas fontes deixavam de atender o número de alguém da dupla após certo número de ligações. As entrevistas eram realizadas de acordo com o roteiro de perguntas criado durante a pré-produção (anexo 2). Definimos os personagens e locais que seriam filmados e criamos uma planilha de filmagens (anexo 3).

Fora desse roteiro, filmamos alguns personagens pontuais, como o coordenador de futebol amador da federação brasiliense de futebol, o fisioterapeuta do Brasília e um árbitro das categorias de base, cuja entrevista foi descartada por falta de tempo.

8.3 Pós-Produção

A montagem do material, a edição, começa com término das gravações. É durante esta etapa que se estabelece a estrutura e o conteúdo da produção, juntamente com a atmosfera, intensidade e ritmo da narrativa (WHITTAKER, 2003).

Na maioria das vezes, além da edição, a etapa da pós-produção também é composta de outros recursos, tais como computação gráfica, efeitos sonoros e visuais, trilha sonora, dublagem, locuções, animações, entre outros (VALIM, COSTA, 2002). Não é raro que a fase de pós-produção leve mais tempo que a própria produção. Isso acontece principalmente em filmes para o cinema, que exigem um maior trabalho desta etapa do que em produções de programas televisivos.

Na fase de pós-produção e, mais especificamente na edição, como já dito, cria-se a lógica e o clima da produção. Isso se dá na construção da continuidade do filme ou programa. Desta forma, pode-se guiar a audiência através de uma sequência de acontecimentos, mostrando o que ela quer ver. Dependendo da intenção do produto final, se é esperado que

haja uma atmosfera tensa ou confusa, pode se inverter acontecimentos, contrariar expectativas e fugir do previsto, a fim de criar um clima dramático. Em produções jornalísticas, documentários ou programas que seguem um roteiro pré-definido, porém, não há tanto espaço para estes recursos criativos e aberturas para interpretações pessoais, para que não se criem mal-entendidos e confusões (WHITTAKER, 2003).

Embora o trabalho da maior parte da equipe termine com a finalização do programa, ainda restam algumas etapas a serem completadas, como relatórios de despesas, pagamentos e avaliações do impacto da produção. A TV comercial, por exemplo, utiliza pontos de audiência para medir o sucesso de um programa; em vídeos institucionais podem ser realizados testes, questionários ou enquetes com os espectadores (WHITTAKER, 2003).

A edição deste documentário iniciou-se no dia 27 de outubro, quando foi feito o processo de decupagem (processo de agrupamento e seleção de temas dentro das entrevistas realizadas). Depois, realizamos o cruzamento de temas e falas entre os personagens gravados, para que o documentário tivesse uma linha lógica que pudesse ser entendida pelos espectadores.

A partir do primeiro corte, fomos construindo o formato final do produto, retirando sonoras não essenciais e escolhendo as imagens. Esse trabalho foi feito a partir de 4 de novembro, até 2 de dezembro, data de entrega do trabalho para a banca examinadora.

Durante este processo, foram tomadas decisões primordiais para a forma do produto, como o uso de offs para marcar a mudança de temas, que consideramos essências para dar fluidez e qualidade informativa ao documentário, e a divisão do programa em três blocos, possibilitando o acréscimo de intervalos comerciais para empresas que veicularem o produto. A arte de abertura, o layout de créditos e legendas de imagem e os créditos finais foram gentilmente feitos por Jaciara Rozanski e Victor Mayer.

Por conhecermos de longa data o staff da UnBTV, e por conta da amizade com o casal responsável pela finalização do documentário, não houve custos com equipamento ou finalização do documentário. O maior gasto deu-se no deslocamento dos repórteres aos locais de reportagem. Calculamos que a dupla se deslocou cerca de 800 quilômetros pelo DF para concluir o produto, a um custo estimado de R\$ 240,00.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste documentário foi um processo de grande aprendizagem para a dupla de repórteres, principalmente pelo conhecimento adquirido a respeito da história e do momento atual do futebol do DF, uma necessidade para profissionais que buscam se tornar jornalistas esportivos.

A impressão inicial da dupla – de que o futebol local possui condições sofríveis para a formação de jogadores profissionais – foi, em parte, desmentida. Não encontramos em nenhuma das equipes analisadas condições subumanas de trabalho, como frequentemente se vê em matérias relacionadas ao futebol. A situação, no entanto, está longe de ser ideal, principalmente na equipe de maior tradição no DF, o Gama.

O principal problema percebido pela dupla é a falta de ambulâncias durante as partidas das categorias de base. Muitas vezes disputados sob altas temperaturas e com exigência física intensa, os jogos representam um perigo constante à saúde dos atletas e os próprios profissionais da área de saúde das categorias de base admitem o risco da situação. A federação brasileira de futebol argumenta que faltam recursos para resolver o problema, mas diz tomar medidas como avisar aos postos de saúde e ao Corpo de Bombeiros próximos aos locais das partidas os horários dos jogos, para que estejam de sobreaviso, e promete resolver o problema em um futuro próximo.

A falta de gramados em condições mínimas para a boa prática do futebol é também uma dificuldade do futebol local. Em todos os jogos e treinos acompanhados, apenas a partida semifinal do Campeonato Brasileiro de Juniores, disputada no Waldir Campelo Bezerra – o Bezerrão – contou com um gramado em plenas condições de uso. Em todos os outros, desníveis, falhas na grama ou buracos representavam risco de lesão aos jogadores, e dificultavam o aproveitamento de suas qualidades técnicas.

Falhas na estrutura de preparação física são também apontadas por membros das comissões técnicas com maior vivência na formação de atletas. Argumentam que, em comparação com as equipes de ponta do país, os jogadores do Distrito Federal apresentam déficits de força muscular e resistência física que dificultam a competição em torneios de maior exigência, como a Copa São Paulo de Futebol Júnior. Nenhuma das equipes estudadas conta, por exemplo, com nutricionista nas categorias de base, nem com análise física.

Os jogadores contam, em todas as equipes observadas, com comissões técnicas que conhecem os meandros da formação de jogadores – todos os treinadores são ex-jogadores – além de estrutura para treinamento e algum apoio médico, com a presença de preparadores físicos e fisioterapeutas, novamente excetuando-se a equipe do Gama. No Brasília e no Clube da Saúde, fora os gramados castigados, as instalações físicas disponíveis aos atletas aproximam-se do ideal, com direito, por exemplo, a academia própria e piscina para o trabalho de recuperação física e, para aqueles nascidos em outros estados, alojamentos com boas condições, recursos em falta no centro de treinamento do Gama.

Outra experiência importante foi notar o quanto o futebol representa para os aspirantes a jogadores. A maioria, como Victor Cruz e Felipe Rocha, escolhe como única alternativa de destaque profissional o sucesso no futebol, apesar de saberem da imensa competição no meio. Dizem que o único sonho é se tornarem jogadores de futebol.

A situação se torna grave quando se considera a dificuldade de converter os conhecimentos adquiridos nos treinos em habilidades úteis para outras profissões. A única cobrança no sentido de incentivar a frequência escolar dos atletas é a necessidade de apresentação do histórico escolar no momento do registro desses atletas na Federação. Depois disso, apesar de os clubes argumentarem haver uma preocupação com a educação dos jogadores, os próprios atletas dizem não haver qualquer controle nesse sentido.

Com pouca qualificação, os muitos atletas que não conseguem se tornar profissionais terminam por desenvolver suas carreiras em profissões de baixa remuneração. Humberto Nascimento, coordenador técnico do Clube da Saúde, resume a situação: “Se não conseguirem um dos poucos empregos nas comissões técnicas dos times, acabam se tornando trabalhadores da construção civil ou vigilantes”.

O investimento nas categorias de base do DF é baixo. Por não vislumbrarem retorno financeiro com categorias formadoras, por conta dos riscos associados ao processo de formação de atletas, poucas empresas se dispõem a patrocinar as equipes. A Federação alega não haver recursos para ajudar efetivamente as equipes, e que, por isso, só contribui com material esportivo, como bolas e uniforme. A falta de apoio faz com que raros atletas recebam salários antes da profissionalização. Apenas grandes destaques ou atletas das equipes classificadas para a Copa São Paulo assinam contratos profissionais, para evitar que sejam contratados por outros clubes sem que o clube formador seja remunerado. A maioria do

investimento vem de pessoas físicas, empresários que aplicam nas categorias de base com objetivo de vender jogadores para centros economicamente mais fortes e ter o retorno daquilo que foi aplicado.

Acreditamos que os diferentes universos vividos pelos três protagonistas escolhidos, complementados pela fala dos outros personagens, ilustram a realidade de quem sonha se tornar um jogador profissional no Distrito Federal. Por sua profundidade sociológica, a tese “Do dom à profissão”, de Arlei Sander Damo, foi um guia para elucidar as questões que deveríamos esclarecer para mostrar um panorama geral do futebol no DF.

Quanto a aspectos técnicos da produção do documentário, devemos ressaltar o apoio dado pelos amigos da UnBTV. Sem os equipamentos colocados à nossa disposição, seria impossível a realização desse trabalho.

Ressaltamos também a necessidade de preparação quando se trabalha com produtos audiovisuais. Sem o extenso trabalho de pré-produção antes das saídas a campo, este produto teria se tornado inviável. O comprometimento da dupla foi também essenciais na resolução de problemas técnicos e jornalísticos, que foram desde falhas nos equipamentos utilizados até a dificuldade em se conseguir a colaboração de alguns personagens vitais para o produto.

Foi importante acompanhar programas com proposta semelhante à nossa que são exibidos em canais de televisão. Com base em tais produtos, principalmente o programa *Histórias do esporte*, da emissora ESPN, pudemos criar um produto singular, reproduzindo aspectos que consideramos interessantes naquilo que já é feito na produção de documentários e observando com atenção características que poderíamos inovar.

Consideramos que, apesar do imenso desafio de se produzir um documentário televisivo com uma equipe permanente de apenas duas pessoas, *CENTROAVANTE: uma resenha sobre o futebol de base no DF* cumpre o objetivo de posicionar o espectador na realidade do futebol candango, e possui potencial informativo, estético e de entretenimento suficientes para ser veiculado nas principais emissoras de televisão do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARMO-ROLDÃO, Ivete; BAZI, Rogério, OLIVEIRA, Ana Paula. “O espaço do documentário e da vídeoreportagem na televisão brasileira: uma contribuição ao debate”. Revista *Contracampo*, Universidade Federal Fluminense, n. 17, 2º semestre, 2007, p. 107-125.
- COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- DAMO, A. S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DORNELES, Rogério de Abreu. *O design na teledramaturgia: um olhar sobre as vinhetas de abertura das telenovelas da TV Globo*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.
- DRUMOND, Maurício e MELO, Victor Andrade de. *Esporte e cinema: novos olhares*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- MAURÍLIO, Victor Mayer Pinho. *Na trilha do esporte*. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2012.
- NICHOLS, Bill. “A voz do documentário”. Tradução de Eliana Rocha Vieira. *Film Quarterly*, 36 (3), 1983, p. 259-273.
- ODIN, Roger. *A questão do público: uma abordagem semiopragmática*. Tradução de Eric Ronald René Hencalt. *Réseaux*, nº 99, 2000, p. 49-72.
- RIAL, C. S. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol. 14, 2008, p. 21-65.
- SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. “Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento”. In: 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, 2010.
- SOUZA, Camilo Araújo Máximo de *et al.* “Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros”. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, p. 85-111, 2008.
- TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. “Documentário moderno”. In: MASCARELO, Fernando

(org.). *História do cinema mundial*. Campinas: Papirus, 2006, p. 253-287.

VALIM, Maurício, COSTA, Soraya. “Como elaborar um projeto”. Disponível em: www.tudosobretv.com.br/produ/. Acesso em 22 de outubro de 2013.

WACQUANT, L. “Putas, escravos e ganhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais.” *Mana*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2000, p.127-146.

WATTS, Harris. *On camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC*. São Paulo: Summus, 1990.

WHITTAKER, Ron. “Produção de Televisão: um tutorial sobre produção em estúdio e em campo”. Trad. Graça Barreiros. Disponível em www.cybercollege.com/port/tvp_ind.htm. Acesso em 20 de outubro de 2013.

FILMOGRAFIA:

Histórias do Esporte (ESPN Brasil): <http://www.espn.com.br/programa/historiasdoesporte>

Destino Futebol: (sem ficha técnica disponível)

<http://muu.globo.com/programas/esportedoc/>

Sportv repórter: <http://sportv.globo.com/videos/sportv-reporter/>

Esporte.doc: <http://muu.globo.com/programas/esportedoc/>

Profissão repórter (06/09/2011): <https://www.youtube.com/watch?v=hpUFOFtRdgM>

ANEXO 1: CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Meses 2013	Atividades
Julho, agosto e setembro	Filmagem do Campeonato de Juniores Pré-apuração junto aos dirigentes dos três clubes e à Federação Brasileira de Futebol Acompanhamento de alguns atletas
Setembro e outubro	Filmagem de Treinos Gravação de Sonoras
Outubro e novembro	Finalização das Filmagens Início da Decupagem
Novembro	Edição e Montagem de Material Finalização do Material
Dezembro	Apresentação do material finalizado

ANEXO 2: SCRIPT DE PERGUNTAS

Jogadores

- Como e quando você começou sua carreira no futebol?
- Sua família apoia sua carreira?
- Como é a relação entre os companheiros de time e com os dirigentes?
- Você tem uma relação de afeto pelo clube ou a relação é mais profissional?
- Como você avalia a estrutura no futebol brasileiro (CT, Instalações, transporte para o treino, escola...)?
- Como é a rotina de treinamentos?
- Há apoio médico psicológico do clube?
- Você possui contrato assinado com o clube?
- O clube te dá ajuda de custo?
- Como é sua relação com os empresários?
- Quais são suas metas de evolução no futebol, pretende ficar no Distrito Federal ou sair para outro estado?
- Você estuda ou trabalha? O que faz além do futebol?
- É possível ter uma boa carreira atuando como profissional no DF?
- O que pretende fazer se não conseguir se tornar profissional?
- Qual a sua expectativa em relação à Copa São Paulo?
- Sua condição de vida te atrapalha no convívio com os companheiros?

Familiares

- Você apoia a escolha de carreira de seu filho?
- Você se preocupa com o que pode acontecer se ele não se tornar profissional?
- Como o ajuda a se preparar caso isso aconteça?
- Você apoia uma possível saída do seu filho para outro estado/país ou é possível evoluir no futebol daqui? Caso não possa acompanhá-lo, como fica a situação?
- Você conhece a legislação de contratos no futebol? Acompanha os contratos do seu filho?

Treinador

- Como você avalia a estrutura do futebol de base no DF?
- Como é a relação dos jogadores entre eles? Já é muito competitiva ou são amigos?
- Qual o caminho natural do jogador no DF? É preciso sair ou é possível evoluir aqui?
- Como você avalia os treinadores de futebol de base em Brasília: São profissionais bem preparados?
- Qual é a principal missão de um treinador de futebol de base, formar o atleta ou o ser humano?
- Como você percebe um jogador que pode se tornar profissional?
- Quantos dos atletas que você treina terão alguma chance de se tornar profissionais?
- Qual é a diferença entre o treinamento do time profissional e dos times de base?
- Quais os conselhos que você dá para os jogadores além do campo?
- Como é sua relação com os empresários? Eles ajudam ou atrapalham os times em Brasília?
- Você acredita que o futebol brasileiro possa evoluir a ponto de se tornar um dos mais importantes do país?
- Como você avalia (os jogadores do documentário)?

Dirigente

- Quanto custa o futebol de base em Brasília?
- Como vocês se sustentam?
- Como é a participação da Federação nesse processo?
- Todos os jogadores depois dos 16 anos tem contratos assinados?
- Como vocês escolhem quem vai assinar?
- Há um acompanhamento dos estudos e trabalhos dos jogadores caso não se tornem profissionais?
- O objetivo principal é formar jogadores para o time profissional ou vender jogadores?
- Como é a estrutura do time de futebol (CT, Instalações, transporte para o treino, escola...)?
- Há apoio médico/psicológico do clube para categoria de base?
- É possível fazer o futebol de Brasília lucrativo?
- Você acredita que o futebol brasileiro possa evoluir a ponto de se tornar um dos mais importantes do país?

ANEXO 3: PLANILHA DE FILMAGEM

Filmagens/ Equipe	Jogadores escolhidos	Jogo da Equipe	Treino	Estrutura do Clube	Familiares dos Jogadores	Técnicos	Dirigentes
Brasília Futebol Clube							
Clube da Saúde							
Sociedade Esportiva do Gama							

ANEXO 4: OFFS

1. Felipe Sanches, dezanove anos, meio campo do Clube da Saúde. Felipe Rocha, Dezesesseis anos, meio campo da Sociedade Esportiva do Gama. Victor Cruz, dezessete anos, atacante do Brasília Futebol Clube. Três histórias, um estado, um sonho: se tornar jogador de futebol profissional.
2. Se tornar um jogador profissional envolve mais que próprio atleta. O apoio familiar, tanto em questões relacionadas ao futebol quanto fora das quatro linhas, é fundamental no desenvolvimento da carreira.
3. Para Victor, o apoio vem de longe. Os irmãos moram em Três Rios, no interior do Rio de Janeiro. A mãe faleceu vítima de um câncer cerebral, dias antes da semifinal do Campeonato Brasileiro de Juniores. O maior incentivo vem do pai, que trabalha em uma loja de sinalização rodoviária em São Paulo.
4. Entre os três, Felipe Sanches é o único que chegou a universidade. Felipe Rocha e Victor Cruz não terminaram o ensino fundamental.
5. De acordo com a federação brasileira de futebol, o histórico escolar é solicitado apenas no momento do registro do atleta. Depois disso, não é obrigatório qualquer acompanhamento por parte dos clubes.
6. Há duas formas de entrar nas categorias de base de um time de futebol. O atleta pode participar das chamadas peneiras, períodos de observação quando se analisa o desempenho de um grande número de candidatos ou ser indicados por observadores das equipes, como aconteceu com Cruz, Rocha e Sanches.
7. Os treinadores dos três atletas foram jogadores profissionais de clubes do Distrito Federal. A experiência que conquistaram faz com que os atletas ouçam seus conselhos para evoluírem na carreira.
8. Brasília e Clube da Saúde possuem academia própria, campos para treino, alojamento e apoio médico aos atletas. No Gama, a estrutura é mais precária.

9. O maior perigo para a saúde dos jogadores é a falta de ambulância durante os jogos. Em uma partida entre Brasília e Gama, válida pelo Campeonato Brasiliense juvenil, o atleta Luan Barbosa, lateral direito do Gama, desmaiou em campo após choque com seu marcador.
10. Existem dois tipos de contrato para atletas de futebol: o amador e o profissional. O contrato amador é um registro que permite aos atletas disputarem competições das categorias de base, além de garantir ao clube uma compensação financeira em transações futuras, chamada de direito de formador do atleta. A partir dos dezesseis anos, é permitido a assinatura de contratos profissionais, de acordo com as normas da Consolidação das Leis Trabalhistas, a CLT, e da Lei Pelé, que regulamenta a profissão.
11. Manter a estrutura física, os profissionais e os jogadores com contratos assinados gera despesas elevadas para os clubes. A venda de jogadores e os patrocínios são as principais formas de fechar as contas.
12. As categorias infantil e juvenil, para atletas entre treze e dezessete anos, têm competições regionais durante todo o calendário no DF. Já as competições regionais específicas para atletas da categoria júnior, entre 18 e 20 anos, se encerram no final de julho, com o Campeonato Brasiliense de Juniores. Depois desta competição, grande parte dos atletas juniores são dispensados, com exceção do campeão e do vice do Campeonato Brasiliense, que se classificam para a Copa São Paulo de Futebol Júnior, o mais importante torneio de base do Brasil.
13. Apesar de atuarem no futebol de base do Distrito Federal, Cruz, Rocha e Sanches pretendem seguir carreira em grandes centros do futebol brasileiro.
14. À medida que a idade dos atletas avança, o processo de seleção para se tornar um jogador profissional passa a ser cada vez mais rigoroso. Sanches pensa em alternativas caso não alcance este nível. Cruz e Rocha apostam todas as fichas no futebol.

ANEXO 5: ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

Retranca: Doc Futebol	Tempo: 00:00:29:04
Centroavante: uma resenha sobre o futebol de base no DF	Data de entrega: Não definido
Redator: Rogerio Verçoza	

Vídeo	Áudio
<p>1. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p>	<p>“Como? Jogando bola na rua!”</p>
<p>2. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Plano Médio] Sonora: Felipe Sanches</p>	<p>“Quando criança, eu pratiquei todo...”</p>
<p>3. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Victor Cruz</p>	<p>“Desde pequeno, desde criança mesmo...”</p>
<p>4. VINHETA: CENTROAVANTE</p>	<p>Trilha Sonora: “Ponta de lança africano”, de Jorge Ben</p>
<p>5. EXTERIOR/DIA – GAMA, CEILÂNDIA E PARK WAY Imagens de jogos disputados nas regiões administrativas do Gama, Ceilândia e Park Way.</p>	<p>Trilha Sonora: “Ponta de lança africano”, de Jorge Ben</p>

<p>6. OFF 01 Imagens de Felipe Sanches, Felipe Rocha e Victor Cruz em campo.</p> <p>7. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Plano Médio] Sonora: Felipe Sanches</p> <p>8. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p> <p>9. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Plano Médio] Sonora: Felipe Sanches</p> <p>10. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p> <p>11. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Victor Cruz</p> <p>12. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p>	<p>João Bosco: “Felipe Sanches, dezenove anos, meio campo do Clube da Saúde...”</p> <p>“Lutei judô, natação, vôlei, basquete...”</p> <p>“Eu tenho um primo também...”</p> <p>“Eu fiz catorze anos perto dessa época...”</p> <p>“Só que eu jogava sem eles deixarem...”</p> <p>“Aí com a ajuda do meu pai que eu consegui...”</p> <p>“O sonho é ser jogador...”</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>13. OFF 02 Imagens de Felipe Sanches e Felipe Rocha com suas respectivas famílias.</p> <p>14. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Primeiro plano] Sonora: Felipe Sanches</p> <p>15. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Plano médio] Sonora: José Sanches</p> <p>16. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p> <p>17. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Maria Aparecida da Rocha</p> <p>18. OFF 03 Imagens de Victor Cruz no alojamento do Brasília Futebol Clube.</p> <p>19. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Victor Cruz</p>	<p>João Bosco “Se tornar um jogador profissional envolve mais...”</p> <p>“Conselhos tanto da parte técnica do futebol...”</p> <p>“Desde que ele iniciou, não só no futebol...”</p> <p>“Apóiam, eu nem estudo...”</p> <p>“Bom, eu apoio muito, mesmo porque...”</p> <p>João Bosco “Para Victor, o apoio vem de longe...”</p> <p>“Até o impossível, o que ele não pode...”</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>20. OFF 04 Imagens de Felipe Sanches, Felipe Rocha e Victor Cruz.</p> <p>21. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p> <p>22. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Primeiro plano] Sonora: Felipe Sanches</p> <p>23. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Victor Cruz</p> <p>24. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Primeiro plano] Sonora: Felipe Sanches</p> <p>25. OFF 05 Imagens da sede da Federação Brasiliense de Futebol, do modelo de contrato amador e do alojamento do Brasília Esporte Clube.</p> <p>26. EXTERIOR/DIA – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Oldemar Antunes</p>	<p>João Bosco “Entre os três, Felipe Sanches é o único...”</p> <p>“Estudar dá, mas você sabe que...”</p> <p>“No meio de 2011, eu estava...”</p> <p>“É, eu não terminei. Eu fiquei um tempo...”</p> <p>“ E eu pude escolher minhas matérias...”</p> <p>João Bosco “De acordo com a Federação Brasiliense de Futebol...”</p> <p>“É obrigatório o jogador estar matriculado...”</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>27. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p> <p>28. INTERIOR/DIA – ASA SUL [Primeiro plano] Sonora: Liomar Arantes</p> <p>29. EXTERIOR/DIA – SAAN [Primeiro plano] Sonora: Humberto Nascimento</p> <p>30. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Roberto Patu</p> <p>31. EXTERIOR/DIA – SAAN [Primeiro plano] Sonora: Humberto Nascimento</p> <p>32. OFF 06 Imagens de treino e da estrutura do Brasília Esporte Clube.</p> <p>33. VINHETA CENTROAVANTE Animação de encerramento do primeiro bloco.</p>	<p>“Não cobra. Nunca cobrou”.</p> <p>“A Federação só cobra o histórico escolar...”</p> <p>“Nós temos uma parceria com o IFB...”</p> <p>“Isso é um compromisso que o Brasília...”</p> <p>“Hoje nós temos computação, mecânica...”</p> <p>João Bosco “A seguir, como é a formação...”</p> <p>Trilha Sonora: “Ponta de lança africano”, de Jorge Ben Jor</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>34. VINHETA CENTROAVANTE Animação de retorno para o segundo bloco.</p>	<p>Trilha Sonora: “Ponta de lança africano”, de Jorge Ben Jor</p>
<p>35. OFF 07 Imagens de treino do Brasília e do Clube da Saúde.</p>	<p>João Bosco “Há duas formas de entrar nas categorias de base...”</p>
<p>36. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Roberto Patu</p>	<p>“São escolhidos locais estratégicos...”</p>
<p>37. OFF 08 Imagens dos treinadores do Brasília, Clube da Saúde e Gama.</p>	<p>João Bosco “Os treinadores dos três atletas foram jogadores profissionais...”</p>
<p>38. EXTERIOR/DIA – VILA PLANALTO [Primeiro plano] Sonora: Marcos da Silva</p>	<p>“Ele é um garoto que vêm treinando...”</p>
<p>39. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Leonardo Roquete</p>	<p>“O Felipe é um jogador que está comigo...”</p>
<p>40. EXTERIOR/DIA – CEILÂNDIA [Primeiro plano] Sonora: Jean França</p>	<p>“O Felipe tem muita qualidade...”</p>

<p>41. OFF 09 Imagens das estruturas do Brasília, Clube da Saúde e Gama.</p> <p>42. INTERIOR/DIA – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Oldemar Antunes</p> <p>43. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p> <p>44. EXTERIOR/DIA – SAAN [Primeiro plano] Sonora: Humberto Nascimento</p> <p>45. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Primeiro plano] Sonora: Felipe Sanches</p> <p>46. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Victor Cruz</p> <p>47. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Roberto Patu</p>	<p>João Bosco “Brasília e Clube da Saúde possuem academia própria...”</p> <p>“Temos quatro campos...”</p> <p>“Velho, ninguém bota fé aqui, não...”</p> <p>“Hoje, os nossos atletas têm odontologia...”</p> <p>“Agora eles deram um suplemento...”</p> <p>“Melhorar tem que melhorar bastante...”</p> <p>“Hoje o Brasília conta com este centro...”</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>48. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Victor Cruz</p> <p>49. OFF 10 Imagens de jogadores contundidos.</p> <p>50. EXTERIOR/DIA – VILA PLANALTO [Plano médio] Sonora: Igor Romariz</p> <p>51. INTERIOR/DIA – ASA SUL [Primeiro plano] Sonora: Liomar Arantes</p> <p>52. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Victor Cruz</p> <p>53. OFF 11 Imagens de treino e jogo do Brasília e do Clube da Saúde.</p> <p>54. VINHETA CENTROAVANTE Animação de encerramento do segundo bloco.</p>	<p>“A alimentação é balanceada, a cozinheira...”</p> <p>João Bosco “O maior perigo para a saúde dos jogadores...”</p> <p>“O que a gente pôde observar...”</p> <p>“Nós fizemos um convênio com o corpo...”</p> <p>“No Rio não pode começar um jogo...”</p> <p>João Bosco “Na parte final, os custos de manter...”</p> <p>Trilha Sonora: “Ponta de lança africano”, de Jorge Ben Jor</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>55. VINHETA CENTROAVANTE Animação de retorno para o terceiro bloco.</p> <p>56. OFF 12 Imagens de aquecimento, preleção e de contratos amador e profissional.</p> <p>57. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Roberto Patu</p> <p>58. EXTERIOR/DIA – SAAN [Primeiro plano] Sonora: Humberto Nascimento</p> <p>59. EXTERIOR/DIA – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Oldemar Antunes</p> <p>60. EXTERIOR/DIA – SAAN [Primeiro plano] Sonora: Humberto Nascimento</p> <p>61. OFF 13 Imagens de treino físico realizado no Clube da Saúde.</p>	<p>Trilha Sonora: “Ponta de lança africano”, de Jorge Ben Jor</p> <p>João Bosco “Existem dois tipos de contrato para atletas de futebol...”</p> <p>“Apesar de a Lei Pelé permitir...”</p> <p>“Nessa seleção que nós fizemos de 39 jogadores...”</p> <p>“É feita uma seleção automaticamente...”</p> <p>“Daí vão ficar só vinte e cinco jogadores...”</p> <p>João Bosco “Manter a estrutura, os profissionais e os jogadores...”</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>62. EXTERIOR/DIA – GAMA [Plano geral e movimento <i>zoom in</i> para primeiro plano] Sonora: Oldemar Antunes</p> <p>63. EXTERIOR/DIA – SAAN [Primeiro plano] Sonora: Humberto Nascimento</p> <p>64. EXTERIOR/DIA – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Oldemar Antunes</p> <p>65. EXTERIOR/DIA – SAAN [Primeiro plano] Sonora: Humberto Nascimento</p> <p>66. INTERIOR/DIA – ASA SUL [Primeiro plano] Sonora: Liomar Arantes</p> <p>67. EXTERIOR/DIA – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Oldemar Antunes</p> <p>68. EXTERIOR/DIA – SAAN [Primeiro plano] Sonora: Humberto Nascimento</p>	<p>“Está saindo na faixa de R\$ 40.000...”</p> <p>“O Clube da Saúde entra com a estrutura...”</p> <p>“Hoje nós temos a Timemania...”</p> <p>“O problema também de Brasília...”</p> <p>“Nós ajudamos com bolas para cada...”</p> <p>“A federação era para nos ajudar...”</p> <p>“Nós temos já em conversação...”</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>69. OFF 13 Imagens de treino, jogo e chegada dos jogadores ao estádio.</p> <p>70. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Victor Cruz</p> <p>71. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Primeiro plano] Sonora: Felipe Sanches</p> <p>72. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p> <p>73. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Primeiro plano] Sonora: Felipe Sanches</p> <p>74. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p> <p>75. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Victor Cruz</p>	<p>João Bosco “As categorias infantil e juvenil...”</p> <p>“Isso daí é uma coisa muito boa...”</p> <p>“A gente pega as nossas expectativas...”</p> <p>“Eu peguei a minha experiência de hoje...”</p> <p>“O Paulo, que faz parte da comissão...”</p> <p>“A Taça São Paulo, para mim...”</p> <p>“Quando chegar lá, eles vão ver...”</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>76. INTERIOR/NOITE – GAMA</p> <p>[Primeiro plano]</p> <p>Sonora: Felipe Rocha</p> <p>77. OFF 13</p> <p>Imagens de treino, jogo e chegada dos jogadores ao estádio.</p> <p>78. INTERIOR/NOITE – GAMA</p> <p>[Primeiro plano]</p> <p>Sonora: Felipe Rocha</p> <p>79. INTERIOR/DIA – ASA NORTE</p> <p>[Primeiro plano]</p> <p>Sonora: Felipe Sanches</p> <p>80. EXTERIOR/DIA – PARK WAY</p> <p>[Primeiro plano]</p> <p>Sonora: Victor Cruz</p> <p>81. INTERIOR/DIA – ASA NORTE</p> <p>[Primeiro plano]</p> <p>Sonora: Felipe Sanches</p> <p>82. EXTERIOR/DIA – PARK WAY</p> <p>[Primeiro plano]</p> <p>Sonora: Victor Cruz</p>	<p>“Sou novo, não tinha o mesmo pensamento...”</p> <p>João Bosco</p> <p>“Apesar de atuarem no futebol de base do Distrito Federal...”</p> <p>“Primeiro, eu gostaria de jogar em outro estado...”</p> <p>“Nesse momento agora, eu estou focado...”</p> <p>“Eu estou aqui, tenho que me esforçar...”</p> <p>“Acabando a Taça São Paulo, a gente...”</p> <p>“Não é desmerecendo o clube...”</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>83. OFF 13 Imagens de treino, jogo e chegada dos jogadores ao estádio.</p> <p>84. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p> <p>85. INTERIOR/DIA – ASA NORTE [Primeiro plano] Sonora: Felipe Sanches</p> <p>86. INTERIOR/NOITE – GAMA [Primeiro plano] Sonora: Felipe Rocha</p> <p>87. EXTERIOR/DIA – PARK WAY [Primeiro plano] Sonora: Victor Cruz</p>	<p>João Bosco “À medida que a idade dos atletas avança...”</p> <p>“Só jogar bola. O plano é jogar...”</p> <p>“Hoje eu não penso muito se eu não for...”</p> <p>“Como eu sempre falei para a minha mãe...”</p> <p>“Eu nunca tive outro sonho a não ser esse...”</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO 6: ESPELHO DO DOCUMENTÁRIO**Bloco I**

Assunto	Duração
Vinheta de Abertura	00:00:00
Começo no futebol	00:01:13
Família	00:02:49
Escola	00:04:44
Off de passagem de bloco	00:08:30
Vinheta de intervalo	00:08:35
Final Bloco I	00:08:50

Bloco II

Assunto	Duração
Vinheta de intervalo	00:08:54
Peneiras	00:09:09
Treinadores dos atletas	00:09:45
Estrutura	00:11:21
Atendimento medico nos jogos	00:14:58
Off de passagem de bloco	00:16:24
Vinheta de intervalo	00:16:33
Final Bloco II	00:16:49

Bloco III

Assunto	Duração
Vinheta de intervalo	00:16:52
Contratos amador e profissional	00:17:07
Custos dos clubes	00:18:47
Copa São Paulo de Futebol Júnior	00:21:00
Metas profissionais	00:23:32
Perspectivas para o futuro	00:24:57
Clipe final	00:26:23
Créditos	00:26:45
TEMPO TOTAL DO PROGRAMA	00:27:09